

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

**A RECENTE TRAJETÓRIA DAS MULHERES NAS ÁREAS URBANAS DO
ESTADO DO AMAZONAS: O QUE REVELAM OS DADOS DEMOGRÁFICOS**

ADLAINE GLÓRIA SILVA CAVALCANTI

MANAUS
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

**A RECENTE TRAJETÓRIA DAS MULHERES NAS ÁREAS URBANAS DO
ESTADO DO AMAZONAS: O QUE REVELAM OS DADOS DEMOGRÁFICOS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Pery Teixeira

MANAUS
2011

ADLAINE GLÓRIA SILVA CAVALCANTI

**A RECENTE TRAJETÓRIA DAS MULHERES NAS ÁREAS URBANAS DO
ESTADO DO AMAZONAS: O QUE REVELAM OS DADOS DEMOGRÁFICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Aprovada em 15 de julho de 2011

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pery Teixeira (Orientador)
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof.^a Dr.^a. Antonieta Lago Vieira
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof. Dr. Duval Magalhães Fernandes
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC MINAS

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Cavalcanti, Adlaine Glória Silva

C376r A recente trajetória das mulheres nas áreas urbanas do estado do Amazonas: o que revelam os dados demográficos / Adlaine Glória Silva Cavalcanti. - Manaus: UFAM, 2011.
70 f.; il. color.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) —
Universidade Federal do Amazonas, 2011.

Orientador: Prof. Dr. Pery Teixeira

1. Mulheres - Trabalho 2. Evolução histórica - mulher -
trabalho 3. Mercado de trabalho - mulher I. Teixeira, Pery
(Orient.) II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU 396.5(811.3)(043.3)

Aos meus amados Carlos, João e Dalva

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me sustentado nos momentos mais difíceis, por ter me dado ânimo e perseverança quando achei que não conseguiria terminar este trabalho.

Ao meu marido Carlos, pois sem o seu amor e força este trabalho não estaria concluído.
Aos meus pais, Dalva Célia e João, e, a minha avó Edith, pois mesmo distantes não deixaram de torcer por mim.

À minha irmã, Adjane, que nunca deixou de me incentivar.

Ao meu querido orientador Pery pelo carinho, dedicação e compreensão nos momentos difíceis ao longo desta caminhada.

À professora Hildete Pereira de Melo, que despertou em mim o interesse pela pesquisa, especialmente a questão da mulher, ensinando com sabedoria a respeito dos avanços alcançados pelas mulheres, sem deixar de demonstrar o amor por seu papel de esposa, mãe e avó.

Aos meus companheiros de curso, em especial Débora, Tayana, Elizângela e Renato, pelo apoio, carinho e amizade a mim dispensados.

Aos professores do PRODERE pela dedicação e conhecimentos passados, e em especial a professora Marília Brasil pela oportunidade de aprender ainda mais no estágio em docência.

À professora Michele Brasil pela prontidão em ajudar.

Aos queridos membros do meu G.O. pela amizade e orações.

A estimada Patrícia, amiga de faculdade, pela presteza no atendimento à minha solicitação, quando este curso era apenas um sonho.

A CAPES, pelo apoio financeiro no início desta jornada.

Aos colegas da SUFRAMA pela compreensão na fase de conclusão desta pesquisa.

A todos meu muito obrigada, pois tiveram grande importância para esta conquista.

“Mesmo onde há ouro e rubis em grande quantidade, os lábios que transmitem conhecimento são uma rara preciosidade”

Provérbios 20:15 (Nova Versão Internacional)

RESUMO

A crescente presença feminina nos diferentes espaços tem ampliado o número de interessados na mulher como sujeitos da história e objeto de estudo. No mercado de trabalho brasileiro a participação feminina tem aumentado significativamente, sendo muitas as razões que podem explicar esse comportamento, mais favorável às mulheres do que aos homens no que tange à expansão do seu nível de ocupação. A presente pesquisa estuda a mulher especificamente na força de trabalho amazonense, inicialmente no período das quatro últimas décadas do século XX e, posteriormente na primeira década do século atual, objetivando verificar as mudanças ocorridas no perfil dessa mulher, a partir de sua maior participação na mão-de-obra local. O estudo visa a contribuir para a compreensão da atual condição feminina no Estado do Amazonas. Para a realização dessa pesquisa utilizaram-se como base de informações os dados referentes aos Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e as Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios de 2001 a 2009, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Os dados obtidos permitiram verificar, no primeiro período de estudo proposto, a expansão da População Economicamente Ativa feminina do Estado. No entanto, as mulheres ainda estão longe de uma participação compatível com sua posição demográfica. Observou-se que nos primeiros anos do século XXI, as diferenças entre homens e mulheres diminuíram consideravelmente, na População Economicamente Ativa e com relação aos anos de estudos, embora persista a concentração de mulheres em áreas historicamente ocupadas pela mão-de-obra feminina e nas classes de rendimento mensal mais baixas, além de sua jornada de trabalho ser mais curta, pelo menos fora de casa, ponderando-se, aqui, a tripla jornada feminina de trabalhadora, esposa e mãe.

Palavras-chave: Gênero; Mercado de Trabalho; Amazonas.

ABSTRACT

The growing presence of women in different areas has expanded the number of people interested in women as subjects of history and object of study. In the Brazilian labor market participation of women has increased significantly, with many reasons that can explain this behavior, more favorable to women than to men when it comes to expanding its occupancy level. This research specifically examines women in the workforce Amazon, initially during the last four decades of the twentieth century, and later in the first decade of this century in order to verify the changes in the profile of this woman, from their greater participation the manpower site. The study aims to contribute to the understanding of the current status of women in the state of Amazonas. To work out this research used as the basis of information data concerning the Demographic Censuses of 1970, 1980, 1991 and 2000 and the Research National Household Sample from 2001 to 2009, provided by the Brazilian Institute of Geography and Statistics. It was possible to verify in the first period of the proposed study, the expansion of female economically active population of the state, however, women are still far from a participation consistent with its demographic position. It was observed that in the early years of the century, the differences between men and women decreased considerably in the economically active population and the years of study, although the concentration of women persist in areas historically occupied by the hand labor of women and classes of lower monthly income, and your workday is shorter, the outdoors, is considering here, the long hours of working women, wife and mother.

Keywords: Gender, Labor Market, Amazon

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PEA – População Economicamente Ativa

PIA – População Idade Ativa

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNEA – População Não Economicamente Ativa

PIM – Pólo Industrial de Manaus

SIDRA – Sistema IBGE de Recuperação Automática

SUFRAMA – Superintendência da Zona Franca de Manaus

ZFM – Zona Franca de Manaus

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Composição da população residente por situação do domicílio. Brasil e Amazonas - 1970 a 2010.....	31
Tabela 2 – Composição da população por situação de domicílio, segundo o sexo. Estado do Amazonas - 1970 a 2010.....	33
Tabela 3 – Composição da população por sexo, segundo situação de domicílio. Estado do Amazonas – 1970 a 2010.....	34
Tabela 4 – Participação da PIA, PEA e Taxa de Participação por sexo. Estado do Amazonas – 1970 a 2000.....	38
Tabela 5 – Número de homens e mulheres na População Economicamente Ativa (Mil pessoas). Estado do Amazonas – Domicílio Urbano - 2001 e 2009.....	45
Tabela 6 – Participação das pessoas de 10 anos ou mais de idade por sexo e anos de estudos. Estado do Amazonas – Domicílio Urbano - 2001 – 2009.....	47
Tabela 7 – Participação das pessoas de 10 anos ou mais de idade, por sexo e setor de atividade. Estado do Amazonas – 2002 - 2009.....	48
Tabela 8 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por sexo segundo classe de rendimento mensal (Mil pessoas). Estado do Amazonas – Domicílio Urbano - 2001 – 2009.....	49
Tabela 9 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, segundo grupos e horas habitualmente trabalhadas (Mil pessoas). Estado do Amazonas – 2001 – 2009.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução da População em Idade Ativa por sexo. Estado do Amazonas – 1970, 1980, 1991 e 2000.....	35
Gráfico 2 – Composição da População Economicamente Ativa por sexo. Estado do Amazonas – 1970, 1980, 1991 e 2000.....	36
Gráfico 3 – Participação por sexo segundo anos de estudo. Estado do Amazonas - 1970.....	40
Gráfico 4 – Participação por sexo segundo anos de estudo. Estado do Amazonas - 1980.....	41
Gráfico 5 – Participação por sexo segundo anos de estudo. Estado do Amazonas - 1991.....	42
Gráfico 6 – Participação por sexo segundo anos de estudo. Estado do Amazonas - 2000.....	43
Gráfico 7 – Distribuição por idade da PEA masculina e feminina em 2001 e 2009 (Mil pessoas). Estado do Amazonas – 2000 e 2009.....	46

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1. Objetivo da pesquisa.....	16
1.1.1. Objetivo Geral.....	16
1.1.2. Objetivos Específicos.....	16
2. METODOLOGIA.....	17
3. O ESTUDO DE GÊNERO E A PESQUISA CIENTÍFICA.....	21
3.1. O conceito de gênero, o estudo dos papéis sociais e sua relevância para o mercado trabalho.....	23
4. A PRESENÇA FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO AMAZONENSE.....	27
4.1. O que os Censos de 1970 a 2000 revelam sobre as mulheres no Amazonas.....	30
4.2. A mulher amazonense e os dados censitários.....	32
5. O PERFIL DA MULHER MODERNA: COMO AS AMAZONENSES SE INSEREM NESSE NOVO MODO DE VIDA FEMININO.....	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
7. REFERÊNCIAS.....	54
ANEXOS.....	60

1. INTRODUÇÃO

A participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro tem crescido expressivamente nas últimas décadas, e a experiência vivida pelas mulheres amazonenses não tem sido diferente. Tendo por base esta maior participação no mercado de trabalho, a presente pesquisa investiga especificamente a inserção da mulher no mercado de trabalho do Amazonas a partir da década de 1970, ano censitário definido como marco inicial desta investigação, objetivando verificar alguns aspectos das mudanças ocorridas na vida das mulheres após a implantação do modelo Zona Franca em 1967, estabelecido na Amazônia Ocidental, com seu centro promotor em Manaus, capital do Amazonas, local escolhido para abrigar o Pólo Industrial principal gerador de empregos no Estado.

As estatísticas disponíveis atualmente, no Brasil, mostram o emponderamento das mulheres na sociedade. As transformações ocorridas nas últimas décadas trouxeram diversas mudanças ao perfil feminino. As mulheres, ultimamente, despontam com maior nível de estudo, trabalho remunerado crescente e aumento da participação no poder político (medido por sua presença no parlamento), indicando um declínio nas diferenças de gênero (PINNELLI, 2004).

Em qualquer estudo sobre a mulher deve ser considerada sua posição na divisão social do trabalho, prioritariamente definida a partir de suas funções biológicas, que a condicionam, de um lado, à execução de uma série de afazeres indispensáveis para a casa e a família e, de outro, a ocupar posições subalternas na hierarquia produtiva. Razão pela qual o trabalho da mulher seja marcado pela diversidade e pela intermitência de entradas e saídas no mercado de trabalho, características do frágil equilíbrio entre atividades produtivas e funções reprodutivas da sociedade, mantidas a todo custo, pelas mulheres,

para a sobrevivência e o bem estar da família, como ressaltado por Ierece Barbosa (2007) quando trata da mulher operária no Estado.

A participação na força de trabalho sofre influências culturais, que condicionam o comportamento das mulheres, pois a conduta delas acaba por gerar importantes implicações para a medição de sua atividade de trabalho. Como exemplo, tem-se a produção doméstica, que consome muito mais tempo das mulheres que dos homens ainda é considerada atividade menos valorizada pelos formuladores de políticas públicas, quando o valor do trabalho doméstico, não entrando nas estatísticas, indica a falta de reconhecimento do papel da mulher enquanto responsável pelas funções domésticas, relegando-a a um *status* social inferior ao do homem, cujo trabalho se concentra na esfera pública (DEGRAFF, ANKER, 2004).

Apesar das funções domésticas, ainda predominantemente femininas, as necessidades econômicas, as transformações estruturais e demográficas, assim como a diminuição da fecundidade, valorização pessoal e necessidade do próprio sustento, foram alguns dos fatores que influenciaram o crescimento do contingente feminino no mercado de trabalho.

Conforme destacado por Melo e Lastres (2003), a presença cada vez mais constante das mulheres, nos diversos campos da sociedade, vem despertando o interesse dos pesquisadores pela condição feminina, dando origem a uma vasta literatura científica sobre o assunto. E, não obstante as barreiras impostas a elas na busca pela educação (MARQUES, 2002), as mulheres romperam as dificuldades e hoje despertam o interesse da produção acadêmica contemporânea, trazendo à tona o uso do conceito *gênero* nos estudos acerca do papel que homens e mulheres desempenham na sociedade.

As crescentes narrativas que mostram a atuação feminina na história e na sociedade apresentam gênero como uma categoria cultural de homens e mulheres, representando um

conceito que inclui o sexo biológico, investido de valores e atributos que a cultura lhe oferece (MORAES, 1998).

A análise da participação da mulher na força de trabalho amazonense requer um olhar atento também na presença masculina, pois ao se averiguar a presença feminina obtém-se a contrapartida da presença masculina e, assim, uma visão geral do mercado de trabalho no Amazonas. Onde existe uma gama de atividades envolvendo habilidades manuais, como tantas exercidas nas indústrias, setor tão presente no mercado local, e que muito se interessa pela mão-de-obra feminina.

A condição da mulher, ainda é pouco estudada no Amazonas, onde a idéia de que a força de trabalho feminina não consegue competir com a masculina não corresponde à realidade local (TORRES, 2005). De fato, são poucos os estudos que enfocam as profundas transformações havidas na situação da mulher no Estado a partir da implementação da Zona Franca de Manaus, em fins dos anos 60 (MOURA *et al.*, 1984; SPINDEL, 1987; OLIVEIRA, 2000; TORRES, 2005; BARBOSA, 2007; MELO *et al.*, 2010). A necessidade de se aprofundar a análise a respeito do tema é premente, ainda mais quando se conhece a expressiva quantidade de informações disponíveis a respeito, especialmente as referentes aos censos demográficos decenais realizados entre 1970 e 2000 e às Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio (PNADs) realizadas nos anos inter-censos.

Dadas essas condições, o presente estudo propõe analisar, a partir de informações censitárias e das PNADs, as transformações ocorridas à vida das mulheres, partindo da hipótese de que uma nova mulher foi sendo gerada no Amazonas, a partir da década de 1970, quando deixou de ser apenas donas de casa ou de cuidar dos afazeres domésticos para ganhar espaço no mercado de trabalho compatível com a sua participação demográfica, conseguindo ampliar cada vez mais sua importância enquanto força de trabalho, apesar de ainda enfrentar desigualdades.

1.1. Objetivo da pesquisa

1.1.1. Objetivo Geral:

Contribuir para a compreensão das mudanças ocorridas na vida das mulheres amazonenses, após as transformações trazidas ao Estado pela implantação do modelo Zona Franca de Manaus, analisando-se sua participação no mercado de trabalho local, bem como a evolução do seu papel como trabalhadora, verificando-se em que medida esta participação contribuiu para o desenvolvimento socioeconômico da mulher do Amazonas.

1.1.2. Objetivos Específicos:

- a) Analisar a participação da mulher como parte significativa da força de trabalho amazonense;
- b) Verificar se a implantação da Zona Franca de Manaus ampliou os espaços ocupados pelas mulheres; e
- c) Investigar e avaliar alguns aspectos da atual condição socioeconômica da mulher amazonense, estudando as características sociais, educacionais e econômicas apresentadas por ela nos primeiros anos do século XXI.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da investigação foram utilizados, inicialmente, como fonte de dados, as publicações dos Censos de 1970, 1980, 1991 e 2000, procurando entender o fenômeno social ocorrido com as mulheres do Amazonas no período de tempo compreendido entre os anos citados. Neste contexto, a análise buscou identificar censo a censo as mudanças ocorridas na vida das mulheres, resguardando as ressalvas metodológicas dos diversos levantamentos decenais analisados.

O trabalho realizou-se mediante verdadeiro garimpo nos dados em busca de informações relevantes que conduzissem a um maior conhecimento sobre essas mulheres. Optou-se por utilizar os censos, pois eles trazem o retrato do Estado num determinado momento, e por constituírem uma fonte de dados ainda pouco analisados nas pesquisas sobre mulheres na Amazônia. A partir da observação dos períodos escolhidos, contemplaram-se os avanços ocorridos no perfil feminino.

A análise utilizou-se das variáveis sexo, idade, anos de estudo, condição de atividade e posição na ocupação, tendo como fontes principais as publicações dos censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 1970, 1980, 1991 e 2000, bem como da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD - de 2001 e 2009.

Para o levantamento das informações utilizou-se o banco de dados agregados do Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA, disponível no portal do IBGE.

Os dados censitários aqui estudados foram cruzados de forma a identificar homens e mulheres, enquanto composição da população, População em Idade Ativa - PIA, População Economicamente Ativa - PEA e População não Economicamente Ativa - PNEA.

Já as informações da PNAD permitiram estudar a mulher amazonense do início do século XXI, possibilitando identificar a participação na PIA e na PEA, a condição de atividade

(econômica ativa ou não), a posição na ocupação, o setor de atividade, os anos de estudo, os rendimentos e as horas trabalhadas. Ressalte-se que para parte da pesquisa foi determinante a utilização dos dados da PNAD, dada a inexistência de dados censitários para o período e a possibilidade de se observarem as características femininas sob a mesma metodologia num decurso de tempo de quase uma década, já marcada pela superação feminina. Para questões relacionadas a trabalho, instrução e renda, as publicações visitadas apresentam diferenças importantes na disposição e demonstração de algumas variáveis. Sendo assim, a falta de desagregação adequada inviabilizou sua utilização na concretização do presente trabalho.

Deve-se chamar a atenção, no entanto, no que se refere à PNAD, que o tamanho relativamente reduzido de suas amostras causou certa dificuldade na apuração da análise pretendida, não invalidando, porém, os objetivos em pauta.

Os censos demográficos guardam importantes informações acerca da evolução da mão-de-obra feminina no Amazonas ao longo do período. Assim, a pesquisa começou por analisar o censo de 1970 e, na sequência, o censo de 1980, onde já foi possível observar mudanças demográficas que ocorreram entre os 1970 e 1980, pós-implantação do modelo da Zona Franca de Manaus. Por sua vez, o recenseamento de 1991 colheu informações de uma sociedade que experimentou uma fase de intenso crescimento econômico, antes dos primórdios da crise que se abateu sobre a indústria, nos primeiros anos da década de 90 (GOMES, VERGOLINO, 1997), bem como da fase recessiva e de ajustamento pelos quais passou a economia brasileira. Finalmente, o censo de 2000 guarda informações de uma década marcada pela reestruturação produtiva, a globalização crescente das economias mundiais e a estabilização econômica ocorrida a partir de meados dos anos 90.

A primeira parte deste trabalho tratará o estudo de gênero, bem como sua importância para pesquisa científica e investigação dos papéis sociais, trazendo uma breve exposição da situação da mulher no mercado de trabalho atual diante das conquistas femininas.

Em sua segunda e terceira partes, o estudo analisa a participação feminina no mercado de trabalho amazonense num período histórico inicia-se na fase de implementação da Zona Franca de Manaus, compreendendo informações que vão dos anos 1970, a partir dos quais o Estado do Amazonas passou a receber grande massa de investimentos e começaram a chegar às primeiras indústrias que modificaram a conjuntura econômica e social da época, até os primeiros anos de século XXI.

Na segunda parte, especificamente, avaliam-se as transformações ocorridas na vida das mulheres amazonenses no período de 1970 a 2000, buscando perceber que, apesar das dificuldades ainda enfrentadas em termos de segregação de gênero, as mulheres têm alcançado melhorias na sua condição enquanto indivíduo, embora a desigualdade continue existindo na sociedade local.

Completando o estudo, a terceira parte avalia algumas categorias analíticas das mulheres amazonenses na primeira década do século XXI, escolhidas nas tabulações da PNAD. Esta escolha tomou como base as informações referentes à população urbana, considerando-se que já em 2000 três quartos da população amazonense residiam na área urbana, ressaltando-se, ainda, que, até 2003, a PNAD cobria apenas as áreas urbanas do Estado. Especificamente para o “setor de atividade” e as “horas habitualmente trabalhadas”, no entanto, recorreu-se apenas ao total populacional do Estado, dado que as informações necessárias à construção dessas duas variáveis não estão desagregadas por quadro urbano e rural na ferramenta utilizada para a tabulação dos dados da PNAD (SIDRA/IBGE).

Tomou-se a força de trabalho, aqui representada pela População Economicamente Ativa (PEA), como o recorte analítico desta pesquisa. Ela compreende o potencial de mão-de-obra com que pode contar o setor produtivo, isto é, a população ocupada e a população desocupada, assim definidas:

- População ocupada - pessoas que, num determinado período de referência, tinham

trabalho, estando ou não trabalhando (neste último caso, por exemplo, pessoas em férias);

- População desocupada - pessoas que, num determinado período de referência, estavam sem trabalho, porém em busca de trabalho (TAFNER, 2006).

A PEA oferecerá, juntamente com a PIA¹, a base para o estudo da condição feminina no mercado de trabalho, possibilitando observar a situação socioeconômica da mulher, e lembrando-se que esse mercado, é antes de tudo, um espaço de socialização do indivíduo, o que confere ao trabalho certa capacidade de gerar valor social e, portanto, valorização da situação da mulher enquanto indivíduo.

Sendo o trabalho considerado um fator influente na vida das pessoas, capaz de garantir um novo *status* social, esta pesquisa busca identificar também a parcela da população que trabalha ou deseja trabalhar. Tal parcela é denominada Taxa de Participação, que é definida pelo quociente entre a PEA e a PIA.

A fim de se entender o fenômeno social ocorrido, foi necessária a consulta a publicações que tratam do tema, constituindo-se num levantamento bibliográfico e de dados que permitiu analisar a mulher no Estado-sede do modelo da Zona Franca.

3. O ESTUDO DE GÊNERO E A PESQUISA CIENTÍFICA

Este trabalho pretende a seguir discutir o conceito de gênero, bem como seu significado para a ciência. Contudo, toma-se o devido cuidado de não se cair apenas em definições feministas, pois não se pretende aqui levantar bandeiras de movimentos sociais, apesar de muitas vezes os estudos de gênero serem confundidos com lutas feministas, em razão de a efervescência desses estudos ter-se iniciado como consequência da luta dos movimentos feministas e de eles quase sempre estarem ligados à autoria feminina e feminista.

Sendo assim, o intuito é esclarecer o verdadeiro sentido do estudo de gênero para as pesquisas universitárias e seu proveito para efeito de análise de classe social e econômica, visto que a ordem social é formada por classes antagônicas que estão em constante combate em busca de posição legitimada e hegemônica, quer seja proprietários *versus* proletários, quer seja homens *versus* mulheres.

O termo gênero tem sido freqüentemente objeto de estudo das ciências sociais e, a despeito do que muitos podem pensar, alguns cientistas econômicos têm-se debruçado na investigação do papel da mulher no sistema das relações de troca e a interação entre os indivíduos.

As principais análises dos estudos econômicos sobre gênero e o papel da mulher no funcionamento do sistema econômico referem-se ao trabalho doméstico na reprodução da economia. Mesmo considerando-se ser esta atividade predominantemente feminina, alguns economistas buscam verificar a participação da mulher no sistema econômico.

De fato, o tema não é muito explorado por economistas, quiçá pelo fato de a economia ser uma ciência fundamentada nos estudos da socialização regidos pelo mercado, no qual a

¹ População em Idade Ativa, definida como o total de residentes com idade compreendida entre 10 e 64 anos completos.

regra básica é a noção de valor de troca². Como o estudo de gênero visa compreender os papéis femininos e masculinos na sociedade, isto inclui o papel feminino na família, no trabalho doméstico, na reprodução social, na socialização das crianças e nos cuidados com idosos e doentes. Essas atividades, enquanto realizadas na esfera doméstica, não possuem valor de troca para a sociedade. Portanto, as relações citadas estão fora do mercado capitalista (MELO e SERRANO, 1997); como tal, pode-se inclusive pensar que estão fora do alvo da maioria dos estudos econômicos.

Mas a história revela que foi com o reconhecimento da economia como uma ciência social que se questionou a ausência de tal estudo no campo econômico. Neste contexto, a contribuição de John Stuart Mill, economista do período de transição entre a abordagem clássica e marginalista, conforme ressaltado por Melo e Serrano (1997), deve ser destacada, pois ousou argumentar sobre a condição feminina em seus escritos econômicos, considerando a posição subalterna da mulher na vida produzida pelo industrialismo em seu livro *A Sujeição das Mulheres*, publicado em 1869. Revelou-se, assim, uma preocupação em questões de igualdade jurídica, política e econômica, para as mulheres, já por economistas do século XIX, o que ficou sendo considerado um dos marcos iniciais da reflexão sobre a condição feminina na teoria econômica.

Segundo Machado (1998), os estudos de gênero indagam um novo estilo de fazer ciência, averiguando as subjetividades dos sujeitos sociais, mas sem deixar o estilo objetivista de se escrever ciência.

² Os fundamentos racionais da nova ciência foram estudados por Adam Smith. Ver sobre o assunto em Smith, Adam. “A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas”, v. 1, tradução de Luiz João Baraúna, São Paulo, Abril Cultural (1983), Série Os economistas.

3.1 – O conceito de Gênero, o estudo dos papéis sociais e sua relevância para o mercado de trabalho

A produção acadêmica contemporânea traz à tona o uso do conceito gênero nos estudos acerca do papel que homens e mulheres desempenham na sociedade. A presença crescente das mulheres nos diferentes espaços despertou nos estudiosos o interesse nos temas relacionados à condição das mulheres como sujeitos da história e objeto de pesquisa. Esses novos estudos vêm trazendo renovação temática e metodológica a marcos conceituais tradicionais, como a divisão sexual do trabalho e a segregação entre o público e privado, pois entendia-se que lugar de mulher era em casa, e não na esfera pública, lugar historicamente destinado à população masculina.

É na década de 1970, juntamente com os movimentos feministas, que multiplicam-se as narrativas mostrando a atuação feminina na história e na sociedade, bem como suas inquietações. Neste momento surge o gênero como categoria de análise, questionando os modelos tradicionais já existentes e colocando novas questões quanto ao papel social de mulheres e homens, apontando a necessidade de se libertar de conceitos abstratos e universais.

O assunto mulher vem despontando em todas as áreas, seja devido às suas conquistas ou às desigualdades ainda vivenciadas, passando a despertar o interesse da área acadêmica em suas várias áreas de conhecimento, por meio do estudo muitas vezes denominado *estudo de gênero*, denominação dada acerca dos estudos cujo foco central é a mulher.

Não obstante o seu significado semântico³, gênero tornou-se um substituto para o termo mulher, sem deixar de sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente

³ Segundo o Novo Dicionário Aurélio, em sua semântica gênero é um substantivo masculino que define um conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns; pode também ser usado para definir estilo ou como a forma culturalmente elaborada que a diferença sexual toma em cada sociedade; demarca a

informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro, sendo freqüentemente empregado para designar as relações sociais entre os sexos (SCOTT, 1995).

Na historiografia, contudo, a noção de gênero engloba tanto aspectos sociais masculinos quanto femininos: diz respeito tanto aos homens como às mulheres, não se limitando à noção de feminino, apesar de usualmente ser usado como sinônimo de estudo sobre a mulher. Para retirar tal estigma, podemos assinalar as formulações de Strathern nas quais “... gênero é tratado como simples diferenciação entre categorias, retira da categoria gênero o peso das conotações feministas...” (PISCITELLI, 1998). Assim, o termo gênero é usado para teorizar a diferença entre os sexos, sendo uma forma de discutir as relações de poder.

A expansão dos estudos de gênero vem aumentando com o avanço feminino na ocupação de espaços outrora primordialmente masculinos. Diz-se “masculinos”, pois no decorrer desta seção tenta-se esclarecer a diferença entre o que representa o homem como ser biológico e o que é referente ao papel masculino. Pode-se considerar que o lugar da mulher, antes desta expansão, era na esfera privada, definida pelas suas relações na família, ligadas à educação das crianças e cuidados com os mais velhos, definição esta social e culturalmente estabelecida (VAITSMAN, 2001). Assim, a investigação do gênero como categoria de análise ganhou terreno favorável nos estudos históricos, sociais, culturais e econômicos.

A temática proposta pelo estudo de gênero é extremamente abrangente, pois está associada a variáveis culturais impostas a cada sexo, este conceito sim, determinado biologicamente. Desta maneira, a reflexão sobre gênero engendra a necessidade de conceber homens e mulheres em suas posições representativas frente à sociedade.

Gênero, portanto, é uma categoria relativa que interage com vários códigos, não só com os biológicos, atribuindo valores masculinos e femininos, mas também considera a

identidade sexual dos indivíduos, além de definir a propriedade que tem certas classes de palavras de se flexionar para indicar o sexo, entre outras definições.

importância de se procurar explorar as complexidades, tanto das construções de masculinidades quanto das de feminilidades. Desta forma, gênero proporciona ainda o estudo da masculinidade e, para avaliar sua dimensão relacional, as considerações de Connell (*apud* Almeida, 2001) acerca da dimensão masculina de gênero são bastante pertinentes, no que diz respeito aos privilégios sociais que ao longo do tempo se converteram em privilégios matérias, sobretudo no mercado de trabalho.

O conceito de gênero é então, relacional, abrangendo duas dimensões, ou seja, um conceito definido em relação a outro: a dimensão feminina e a masculina, cada qual com seus papéis definidos para atuarem na sociedade. Sendo assim, só faz sentido falar da posição da mulher frente a um problema examinando-se a posição do homem.

A discussão com foco no mercado de trabalho atual proporciona entendimento da dinâmica que vem ocorrendo relativamente à mão-de-obra feminina e à masculina ao longo dos anos. Assim, a desigualdade de gênero pode assumir uma variedade de formas, incluindo-se a participação diferenciada na força de trabalho e a segregação ocupacional por sexo.

Segundo Bruschini (1994) o ingresso cada vez mais acentuado das mulheres no mercado de trabalho a partir dos anos 70 ocorreu como fruto de novas necessidades econômicas, que se intensificaram com a deterioração dos salários reais dos trabalhadores, o que obrigou as mulheres a buscar uma complementação para a renda familiar. A expansão da economia, a crescente urbanização e o ritmo acelerado da industrialização configuraram um momento favorável à incorporação de novos trabalhadores, inclusive os do sexo feminino.

A sociedade brasileira passou por transformações de ordem econômica, social e demográfica que repercutiram consideravelmente sobre o nível e a composição interna da força de trabalho. O crescimento da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho brasileiro, sobretudo o urbano, vem sendo cada vez mais intenso e diversificado (BRUSCHINI, LOMBARDI, 1996), principalmente devido ao processo de reestruturação produtiva que

ocorreu no Brasil, o que empregou muitas mulheres e não absorveu tanto a mão-de-obra masculina disponível (MELO, 2000, OLIVEIRA, 2000, LAVINAS, 2001), fenômeno também percebido nas indústrias do Pólo Industrial de Manaus, intensivas em mão-de-obra feminina e conhecidas pela histórica absorção das trabalhadoras nas linhas de montagem manual, em que as mulheres se tornaram numericamente equivalentes aos homens, nas mais variadas áreas (OLIVEIRA, 2003).

A reestruturação implantou novas máquinas e passou a dispensar a necessidade de força física para execução de certas tarefas, o que abriu campo para mão-de-obra feminina. É bem verdade que essa absorção das mulheres no mercado de trabalho deu-se por meio da geração de novas ocupações com baixa qualidade do posto de trabalho e queda nos rendimentos dos trabalhadores, apesar da exigência cada vez maior de qualificação (VIEIRA, 2008).

Contudo, para as mulheres, segundo Soares e Izaki (2002), a crescente participação no mercado de trabalho trouxe maior liberdade, poder de consumo e bem estar social. Por este motivo esta nova postura feminina tem sido amplamente estudada, formando uma vasta literatura sobre o tema.

Na próxima seção buscar-se-á contribuir com essa literatura, no sentido de se verificar o espaço ocupado pela mulher na sociedade amazonense.

4. A PRESENÇA FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO AMAZONENSE

Após a apresentação sobre a definição do uso do conceito de gênero, considerando-se seus âmbitos masculinos e femininos e a importância de seus estudos para entender a posição que homens e mulheres ocupam na sociedade, o estudo passa, então, a fazer uma avaliação do perfil da mulher amazonense.

Como citado na seção anterior, os estudos sobre mulher vêm ganhando grande importância no cenário acadêmico e, neste contexto, esta pesquisa propôs uma análise da presença feminina no mercado de trabalho no Estado do Amazonas, como uma referência à mulher trabalhadora num Estado que tem um pólo industrial como seu principal foco de desenvolvimento socioeconômico. E é com o objetivo de se investigar a evolução da presença feminina neste mercado que se desenvolve o presente capítulo.

No Amazonas, em especial nas indústrias do Pólo, as atividades são intensivas em mão-de-obra, exigindo acuidade visual e equilíbrio motor, razão que pode explicar a participação de 75% de mão-de-obra feminina no setor eletroeletrônico, além de maciça presença nos setores de relojoeiro, material de transporte, metalúrgico, material plástico e óptico, entre outros, com participação de 65% da força de trabalho feminina para as atividades de montagem, pois as mulheres guardam características físicas e biológicas que as tornam atraentes para este tipo de trabalho (MOURA *et al*, 1984).

Segundo constatou Spindel (1987) em sua pesquisa feita em algumas indústrias em Manaus, as mulheres no Amazonas, num curto espaço de tempo, passaram de ribeirinhas a operárias. Elas eram necessárias à indústria, pois não havia uma oferta grande de mão-de-obra, o desemprego involuntário até a crise dos anos 1980, era desconhecido de sua prática operária, o que dava as mulheres uma condição sólida de emprego nas empresas.

Na década de 80, trabalhar no Distrito Industrial de Manaus significava *status* e salários maiores que no comércio ou serviços. O salário de uma operária montadora era superior aos das demais operárias, chegando a 1,8 salários mínimo. Isto ocorria em geral nas multinacionais, que tinham uma imagem de qualidade a zelar, pois esta garantia melhores preços e mercado quase cativo (SPINDEL, 1987). Não se pode esquecer, neste contexto, que o uso particular da mão-de-obra feminina, e as formas pelas quais há uma substituição do trabalho do homem pelo da mulher, implicam, em certa medida, valorizar mais o capital, através da redução do custo do trabalho.

Entretanto, para a mulher o emprego na “fábrica” parecia representar um marco na vida delas, uma linha divisória que marca um “antes” e um “depois”, sendo este último sempre visto (95% dos casos nas entrevistas) como uma mudança para melhor, pois lhe oferece certa liberdade, dando a ela a possibilidade de fruir novos padrões de consumo, conforme salientado por Spindel (1987).

Ao buscar a presença feminina dentro do modelo de desenvolvimento da Amazônia Ocidental, uma questão que se coloca é verificar em que medida o progresso trazido pelo modelo se mostrou relevante para a melhora da situação social e econômica da mulher local, tendo em vista as constantes mudanças que ocorreram no cenário global e se refletiram no mercado local, forçando as empresas a buscar novas formas de organização e gerenciamento. A constante exigência no mundo empresarial pela excelência torna cada vez mais necessária ter um recurso humano capaz de responder as exigências das empresas sempre competitivas. E a mulher tem-se mostrado mão-de-obra responsável, disciplinada e de boa adaptabilidade às mudanças.

Atualmente, as forças da globalização estão trazendo enormes desafios de desemprego em todo o mundo. A intensa aplicação do progresso tecnológico e a competição acirrada forçam as empresas a ser cada vez mais eficientes, operando com

menos trabalhadores e produzindo mais. Os novos requisitos de qualificação dos trabalhadores acabam por eliminar empregos e criar outros, que exigem mais talento, flexibilidade e iniciativa (BARBOSA, 2007).

A mulher tem-se mostrado flexível e apta as atuais necessidades do mercado, e mesmo com sua grande representação como força de trabalho local, ainda tem sido esquecida como objeto de estudo na ciência desenvolvida na região (TORRES, 2007). Questão também observada por Irecê Barbosa em seu livro *Chão de Fábrica* (2007), ao mencionar a lacuna existente no Estado sobre a questão de *gênero*, fato que dificulta qualquer trabalho sobre o assunto: “*É como se começar do nada, ou seja, a falta de registro histórico...*”. É neste contexto que se gestou e se desenvolveu esta pesquisa, buscando a trajetória da situação socioeconômica da mulher amazonense, uma mulher que vem do campo com o objetivo de tornar operária. Como bem salienta Barbosa (2007), é do campo que advêm as mulheres operárias amazonenses “*(...) elas chegam às dezenas para se empregarem como domésticas enquanto concluem o estudo, e os segundo passo é o Pólo Industrial de Manaus, trabalhando na linha de montagem como operárias*”. No Pólo as operárias são selecionadas pela escolaridade (ensino médio), motivo que pode explicar a busca pela educação por parte da maioria das mulheres.

De acordo com Moura *et al* (1984), já na década de 1980, as mulheres eram recrutadas tendo por requisito básico o nível educacional, e representavam mais de 30% da força de trabalho do setor produtivo, ao longo dos anos este percentual só aumentou, como será apresentado nas próximas páginas.

4.1. O que os Censos de 1970 a 2000 revelam sobre as mulheres do Amazonas

Após muitas tentativas do Governo Federal em povoar e promover a melhor integração produtiva e social da Amazônia ao país, foi implementado na Amazônia Ocidental o modelo Zona Franca, que teve como principal instrumento a concessão de incentivos fiscais concedidos à produção industrial na região, visando a atrair indústrias e conseqüentemente trabalhadores que constituiriam a população local. A Zona Franca de Manaus (ZFM), criada em 1957 e instalada após reformulação em 1967⁴, foi estabelecida como área de livre comércio, de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, com a finalidade de criar no interior da Amazônia um centro industrial e comercial dotado de condições econômicas que permitissem o desenvolvimento local.

Desde sua implementação, a ZFM tem conseguido trazer crescimento à região, e este permitiu grande parte da ocupação tão perseguida pelos governos centrais. O Estado apresentava renda *per capita* de 0,70 da renda *per capita* brasileira em 1970; em 1990 a renda *per capita* local chegou a 1,13 da brasileira (FERREIRA, 1998), evidenciando o crescimento experimentado por meio do modelo, o que em certa medida explica o deslocamento da população em busca de melhores condições de vida oferecidas por áreas mais desenvolvidas, visto que o crescimento neste caso em específico mostrou um modelo concentrador, desenvolvendo o meio urbano e escasseando o meio rural.

O acréscimo populacional apresentado pelo Estado do Amazonas, entre as décadas de 70 e 80, foi da ordem de aproximadamente 500 mil pessoas, representando um crescimento anual de 4,12%. Desse número, 320 mil pessoas representaram o crescimento ocorrido em Manaus (TEIXEIRA e BRASIL, 2010), capital do Estado, o que supostamente reafirma a

⁴ Decreto nº 288 de 28 de fevereiro de 1967.

importância de Manaus e, principalmente, do Distrito Industrial da ZFM, como foco de atração migratória (BRASIL, 1997).

O Estado absorveu grande contingente de população desde a implantação do modelo ZFM, o que aumentou em grande quantidade sua população e alterou o perfil de sua disposição domiciliar. Se em 1970 a maioria da população se encontrava no meio rural, devido à economia extrativista imperante no Estado⁵, já na década seguinte a população urbana superava a rural em quase 20%, conforme Tabela 1. O fenômeno está certamente relacionado à oferta de trabalho disponível no meio urbano com a chegada das indústrias que se instalaram no Pólo Industrial de Manaus e proporcionaram a criação de empregos diretos e indiretos, atraindo pessoas da área rural amazonense e de outros estados em busca de melhores condições de vida. Em 1991 71,45% da população residiam na área urbana do Estado, e em 2000 a população rural do Amazonas era aproximadamente um quarto da população total.

Tabela 1
Composição da população residente por situação do domicílio
Brasil e Estado do Amazonas – 1970 a 2010.

Brasil e Unidade da Federação	Situação do domicílio	Ano				
		1970	1980	1991	2000	2010
Brasil	Total	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
	Urbana	55,94%	67,59%	75,59%	81,19%	86,36%
	Rural	44,06%	32,41%	24,41%	18,81%	13,64%
Amazonas	Total	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
	Urbana	42,51%	59,89%	71,45%	74,94%	79,09%
	Rural	57,49%	40,11%	28,55%	25,06%	20,91%

Fonte: Censo demográfico 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010

⁵ Até a chegada das primeiras indústrias a Manaus, a economia amazonense era primordialmente extrativista. As indústrias de certa forma abalaram a economia do interior.

Se comparado ao crescimento ocorrido no Brasil, onde a população experimentou um crescimento de pouco mais de 85% ao longo de todo o período analisado, a população amazonense cresceu em torno de 200% e, assim como no Brasil, concentrou-se na área urbana, representando uma consequência de o todo processo de desenvolvimento, que é a concentração da população em áreas urbanas.

A temática estudada está indiretamente ligada ao desenvolvimento ocorrido no Estado, à implantação do Distrito Industrial e a criação da Zona Franca de Manaus, tendo como centro a capital estadual. A partir de ações políticas, a cidade adquiriu um forte comércio de importados, como também centenas de fábricas se instalaram no município. O pólo industrial se tornou a base de sustentação da ZFM, e Manaus o responsável por 98% da economia do Estado do Amazonas (GUIMARÃES, 2010), transformando-se na fonte do crescimento irradiado para todos os demais setores da economia, afetando diretamente a vida de homens e mulheres dessa sociedade.

4.2. A mulher amazonense e os dados censitários

O mercado de trabalho feminino no Amazonas apresenta riquezas de informações para pesquisa acadêmica voltada a compreender a dinâmica social, em razão da existência da Zona Franca e do Pólo Industrial, principal gerador de empregos local, e responsável por mais de 100.000 mil empregos⁶ só no município de Manaus, onde a presença da mulher na indústria é significativa.

Na investigação sobre a mulher local, a maioria das análises baseia em pesquisas locais, entrevistas a patrões e empregados, mas os dados demográficos, aqueles disponíveis para toda população, revelam muitos detalhes acerca da população feminina.

⁶ Relatório de Indicadores de Desempenho do PIM 2006 – 2011 (www.suframa.gov.br).

Como mostra a Tabela 2, existe relativa igualdade quantitativa entre homens e mulheres no Estado no período que esta pesquisa abrange, com ligeira maioria masculina em todos os anos censitários. Em 2000 havia uma Razão de Sexo de 101,08 homens para cada 100 mulheres⁷. Para o total do País o valor correspondente para a Razão de Sexo era de 98,99 homens por mulher, indicando, ao contrário do que ocorre no Amazonas, uma pequena maioria feminina na população. Todavia, quando se consideram separadamente moradores de áreas urbanas e rurais, as respectivas razões de sexo vão indicar diferenças numéricas mais significativas entre homens e mulheres.

Com efeito, enquanto a população total amazonense apresenta, nos quatro censos demográficos, uma proporção de homens ligeiramente superior à de mulheres, porém menos expressiva que a observada nas áreas rurais, num sentido inverso, a proporção de mulheres nas áreas urbanas é mais acentuada que a de homens, nos mesmos anos censitários.

Tabela 2

Composição da população por situação de domicílio, segundo o sexo
Estado do Amazonas – 1970 a 2010

		1970	1980	1991	2000	2010
Urbana	Homem	48,06%	49,01%	49,33%	49,38%	49,41%
	Mulher	51,94%	50,99%	50,67%	50,62%	50,59%
Rural	Homem	52,22%	52,73%	53,18%	52,91%	53,76%
	Mulher	47,78%	47,27%	46,82%	47,09%	46,24%
Total	Homem	50,46%	50,50%	50,43%	50,27%	50,32%
	Mulher	49,54%	49,50%	49,57%	49,73%	49,68%

Fonte: Censo Demográfico 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010

Como se viu anteriormente, a população urbana do Amazonas cresceu de forma extraordinária a partir dos anos 70 - graças principalmente ao dinamismo industrial da cidade

⁷ Razão de Sexo é calculada dividindo-se o número total de homens pelo total de mulheres de uma população multiplicado por 100. Esse indicador permite considerar a proporção de homens frente à de mulheres numa população.

de Manaus -, atingindo, no fim do Século XX, os três quartos da correspondente população do Estado (Tabela 1). Não obstante a maioria masculina dos imigrantes de longa distância para as cidades amazonenses – especialmente Manaus -, a maior proporção de mulheres no meio urbano do Estado decorre de sua superioridade numérica na migração de curta distancia (com origem no interior do Estado). De fato, o peso das mulheres na migração intra-estadual é mais de 10% superior ao dos homens (RABELO, 2006). Isso pode estar ligado à busca das mulheres por trabalho nas cidades, onde a força física, requerida no meio rural, é dispensada, e o trabalho braçal dá lugar a oportunidades de ascensão social, e muitas vezes, confere melhor *status* social, o que de certa forma explica 76,27% das mulheres amazonenses se encontram na área urbana em 2000, segundo Tabela 3.

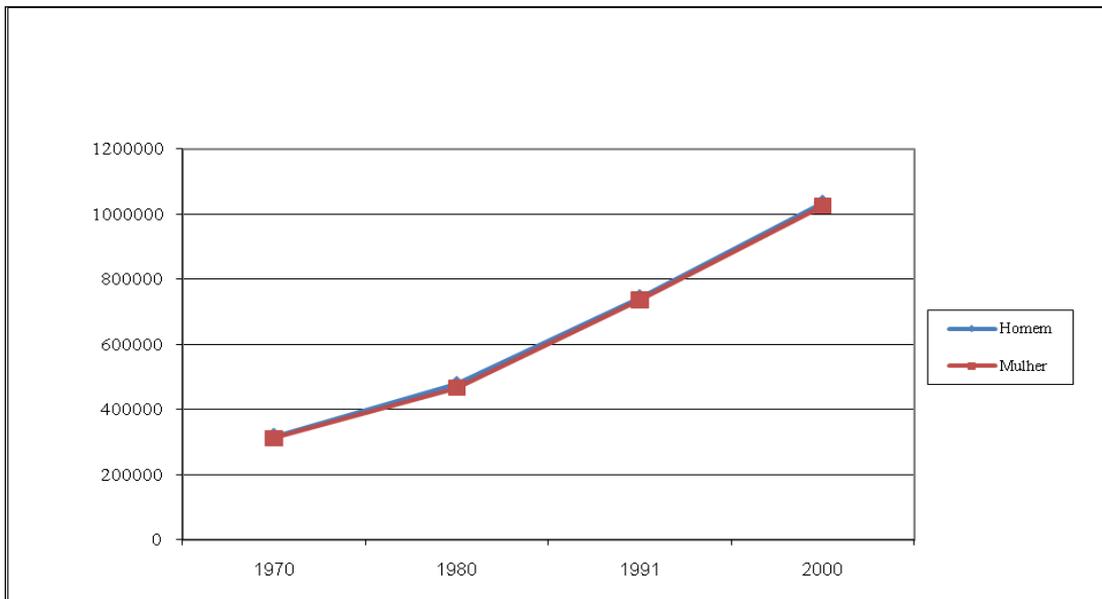
Tabela 3
Composição da população por sexo, segundo situação de domicílio
Estado do Amazonas – 1970 a 2010

		1970	1980	1991	2000	2010
Homem	Urbana	40,49%	58,12%	69,89%	73,62%	77,66%
	Rural	59,51%	41,88%	30,11%	26,38%	22,34%
Mulher	Urbana	44,56%	61,69%	73,03%	76,27%	80,54%
	Rural	55,44%	38,31%	26,97%	23,73%	19,46%

Fonte: Censo Demográfico 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

Dada essa evolução da população como resultado do crescimento econômico local, é importante identificar, com vistas à verificação da importância da mulher em todo o processo em discussão, a População em Idade Ativa – PIA, que corresponde as pessoas com 10 anos ou mais de idade, e suas subdivisões, a População Economicamente Ativa – PEA -, e a População Não Economicamente Ativa – PNEA.

Gráfico 1
Evolução da População em Idade Ativa
Estado do Amazonas – 1970, 1980, 1991 e 2000



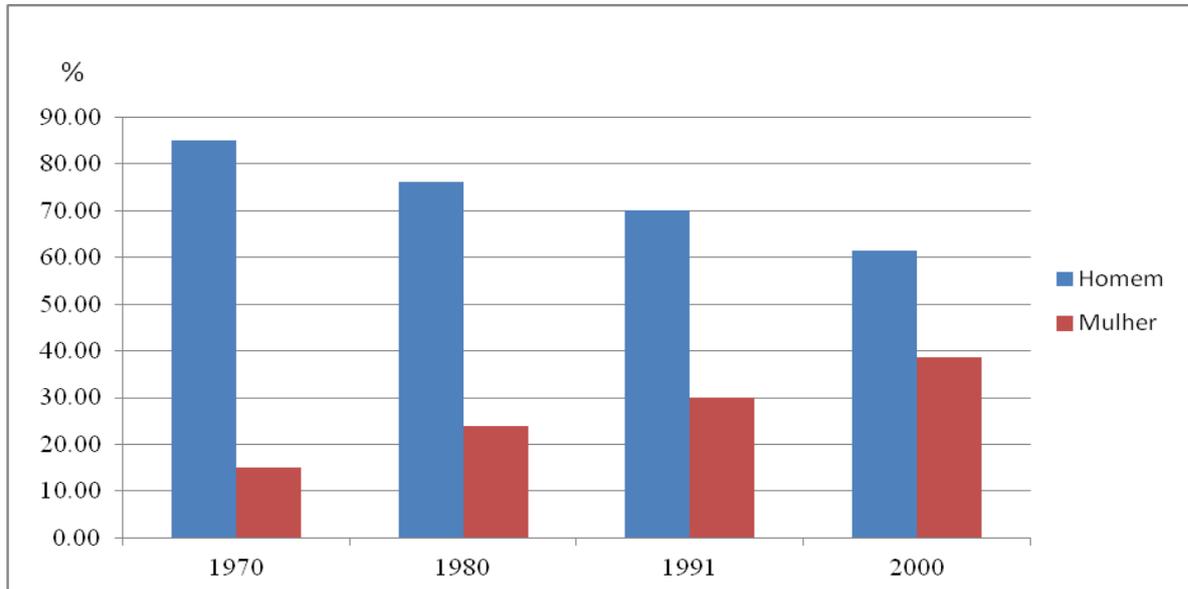
Fonte: Censo Demográfico 1970, 1980, 1991 e 2000, elaboração própria.

O Gráfico 1 mostra uma evolução da PIA com paridade entre homens e mulheres, ou seja, um crescimento por sexo dessa bastante equilibrado⁸. Mas quando se passa a verificar a população que efetivamente se apresenta como economicamente ativa, observa-se uma disparidade ao longo de todo período.

Observada no Gráfico 2, a PEA do Estado evoluiu significativamente no período, tanto a masculina quanto a feminina, porém com uma inferioridade feminina que se manifestava ainda em 2000. Se a análise partir do foco feminino, é possível verificar que, apesar da diferença que persistiu ao longo dos anos, a participação feminina na PEA cresceu consideravelmente durante as quatro décadas. Em 1970, apenas 6,41% das pessoas, de 10 anos ou mais de idade, incluídas na PEA, eram mulheres. Esse percentual aumentou rapidamente durante as décadas, chegando a 20,27% em 2000.

⁸ Isto não surpreende, já que a proporção de homens e mulheres na população total é quase a mesma, durante todo o período, conforme visto antes, e a PIA só não abrange os menores de 10 anos de idade, que também tem homens e mulheres em quase igual quantidade.

Gráfico 2
Composição da População Economicamente Ativa por sexo
Estado do Amazonas – 1970, 1980, 1991 e 2000.



Fonte: Censo Demográfico 1970, 1980, 1991 e 2000.

Também relativamente aos homens as mulheres têm aumentado substancialmente sua participação na PEA amazonense nas últimas décadas do Século XX. Elas iniciaram o período em estudo (1970-2000) com 15% de participação no total da PEA, ascendendo para 23,89% em 1980, 30,05% em 1991 e 38,54% em 2000, mais que dobrando sua participação em 30 anos (160% de crescimento relativo). O Gráfico 2 permite visualizar o crescimento feminino e a correspondente queda da participação masculina no Estado. No País como um todo elas iniciaram a série com participação de 27,39% e alcançaram 39,91% em 2000, um crescimento participativo (46%) muito inferior ao das mulheres amazonenses. Esses dados revelam que a mulher local está acompanhando, com vantagem, a participação da mulher brasileira no mercado de trabalho, mostrando superação ainda maior que a existente no restante do país.

Outro ponto que chamou atenção nesta investigação foi à concentração da PEA em certas idades, que, até 2000, variaram majoritariamente de 20 até 34 anos. A idade média de pertencimento à PEA feminina oscilou entre 29 e 32 anos entre 1970 e 2000, caracterizando uma força de trabalho muito jovem. Conforme constatado por Melo, Castilho e Sabbato

(2010), em sua pesquisa, as mulheres mais jovens eram e continuam sendo alvos das indústrias que aqui se instalaram.

Convém destacar, neste estudo, que a População Não Economicamente Ativa – PNEA apresentou, ao longo do período analisado, algumas mudanças na sua composição por sexo. Enquanto a PNEA feminina diminuiu quase 14 pontos percentuais, a PNEA masculina cresceu 7,53 pontos percentuais, o que remete à idéia de que as mulheres foram mais ao mercado de trabalho, disponibilizando-se a fazer parte da força de trabalho no Estado. Relativamente aos homens, o aumento de sua participação entre os não economicamente ativos aponta certa preocupação, pois houve elevação na quantidade de homens que não se habilitaram a nenhuma espécie de ocupação, considerando-se a que PIA masculina neste período pelo menos triplicou.

Nesta parte do trabalho, outro ponto chamou atenção na pesquisa: a mulher mais que triplicou sua taxa de participação na força de trabalho amazonense durante o período analisado. As mulheres apresentavam em 1970 taxa de participação de 12.97%, enquanto a participação masculina estava em torno de 72.02%. Na década seguinte, a taxa de participação feminina já estava 10 pontos percentuais acima, apresentando ascendência em 1991 de mais 8 pontos percentuais e em 2000 atinge uma taxa de mais 40% de participação feminina na força de trabalho. O fenômeno foi acompanhado pela redução da taxa masculina. Assim, a disparidade existente entre homens e mulheres enquanto força de trabalho passou de 60 pontos percentuais para cerca de 20 pontos entre 1970 e 2000, conforme mostrado na Tabela 4.

Ao observar ainda a mesma tabela, constata-se, que assim como as mulheres avançaram na Taxa de Participação, mostrando-se mais dispostas ao mercado de trabalho, houve uma redução da PNEA feminina, que recuou de 57,30%, em 1977, para 43,36% em

2000, ou seja, menos mulheres a cada período responderam aos recenseadores não terem tomado nenhuma providência para encontrar trabalho.

Tabela 4
Participação da PIA, PEA e Taxa de participação por sexo
Estado do no Amazonas – 1970 a 2000.

		1970	1980	1991	2000
Total	População	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%
	PIA	66.67%	65.93%	70.30%	73.03%
	PEA	28.52%	31.12%	32.61%	38.40%
	Taxa de Participação	42.79%	47.20%	46.39%	52.58%
Homem	População	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%
	PIA	65.96%	65.97%	70.08%	72.93%
	PEA	47.50%	46.90%	45.23%	46.95%
	Taxa de Participação	72.02%	71.09%	64.54%	64.37%
Mulher	População	100.00%	100.00%	100.00%	100.00%
	PIA	65.84%	65.88%	70.53%	73.12%
	PEA	8.54%	15.02%	19.77%	29.76%
	Taxa de Participação	12.97%	22.80%	28.03%	40.70%

Fonte: Censo Demográfico 1970, 1980, 1991 e 2000.

A posição na ocupação também é uma variável que traz informações interessantes sobre as mulheres no Estado, pois possibilita verificar as mudanças ocorridas, ao longo do período, em algumas categorias que corroboraram na percepção de uma nova mulher atuante no mercado de trabalho local, não só empregando-se como gerando emprego. Para tanto, examinaram-se as categoria *Empregados*, pessoas que trabalham para um empregador (pessoa física ou jurídica), obrigando-se a cumprir uma jornada de trabalho e recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro, mercadorias, produtos ou benefícios, e *Empregadores*, pessoas que trabalham explorando seu próprio empreendimento com, pelo menos, um empregado.

Quanto aos *empregados*, ocorre um crescimento da categoria para ambos os sexos, mas nota-se um aumento da participação feminina mais acentuada que a feminina neste mercado (de Empregados) entre 1970 e 2000. De fato, do total de empregados em 1970, 27% eram mulheres, passando para 34% em 1980, 39% em 1991 e 45% em 2000.

Também foram analisadas as informações censitárias referentes aos *empregadores*, objetivando verificar a mulher também como geradora de empregos. Nesta categoria, os homens apresentaram crescimento bastante superior às mulheres, mas, relativamente, esse crescimento praticamente igualou-se na última década analisada, quando o crescimento masculino apresentou uma nítida redução, e o das mulheres uma pequena elevação, comparativamente aos períodos anteriores. Como resultados de toda essa evolução diferenciada, observou-se, entre 1970 e 2000, uma expansão da participação feminina de 22 pontos percentuais.

Na busca por estudar as mudanças ocorridas no perfil da mulher amazonense, investigou-se também sua situação social enquanto mulher instruída que, ao longo dos anos, não desperdiçou as oportunidades que surgiram com o crescimento econômico ocorrido em seu Estado. Ressalte-se que o perfil educacional masculino ainda apresenta escolaridade mais elevada que o feminino em 2000, ao contrário do que vem ocorrendo no Brasil⁹. Todavia a mulher amazonense avançou bastante e modificou também o seu perfil educacional no período.

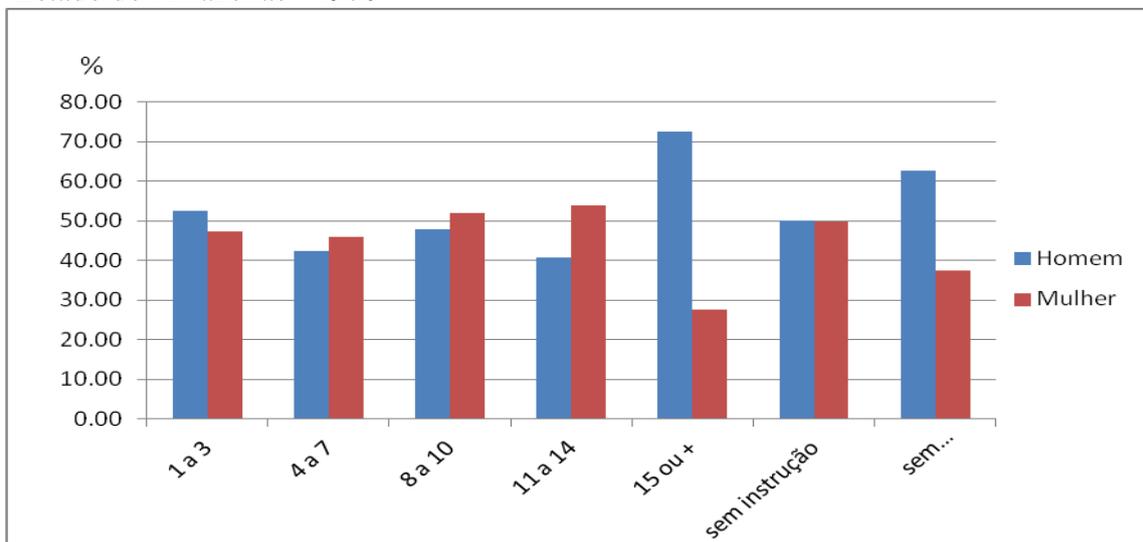
Neste ponto da análise nos deparamos com uma questão metodológica importante. Ao longo dos anos a definição das etapas do ensino formal modificou-se no Brasil, sendo os agrupamentos dos anos de estudos transformados a cada censo. Para solucionar o problema de se enfocarem as mulheres nos vários níveis educacionais para o período que estamos estudando, os dados utilizados nessa parte do trabalho foram analisados censo a censo, e agrupados mantendo o mesmo intervalo a fim de proporcionar melhor compreensão das informações censitárias.

⁹ Em 2000, 47% das mulheres do Amazonas possuíam 15 ou mais anos de estudo, no Brasil esta proporção chega a aproximadamente 53%, segundo recenseamento de 2000.

Verifica-se que, do ponto de vista educacional, os censos¹⁰ de 1970 a 2000 contam uma história de superação feminina. No entanto, examinando-se censo a censo a situação da mulher no Estado, percebe-se que em 1970 os homens são maioria entre as pessoas com até três anos de estudo, a partir dos quais a presença feminina é predominante, só passando a ser inferior novamente no nível universitário. Essa supremacia das mulheres, especialmente no correspondente ao atual nível médio, poder-se-ia explicar como sendo uma forma de conseguir uma posição melhor no emprego.

A presença feminina no ensino superior é relativamente reduzida, elas correspondem a apenas 33% do total dos que tinham esse nível de estudo, fazendo-nos supor que não buscavam ainda, em 1970, o nível universitário, até porque muitas se dedicavam somente aos cuidados com a família e o mercado de trabalho ainda não era tão receptivo a elas.

Gráfico 3
Participação por sexo segundo anos de estudo
Estado do Amazonas - 1970

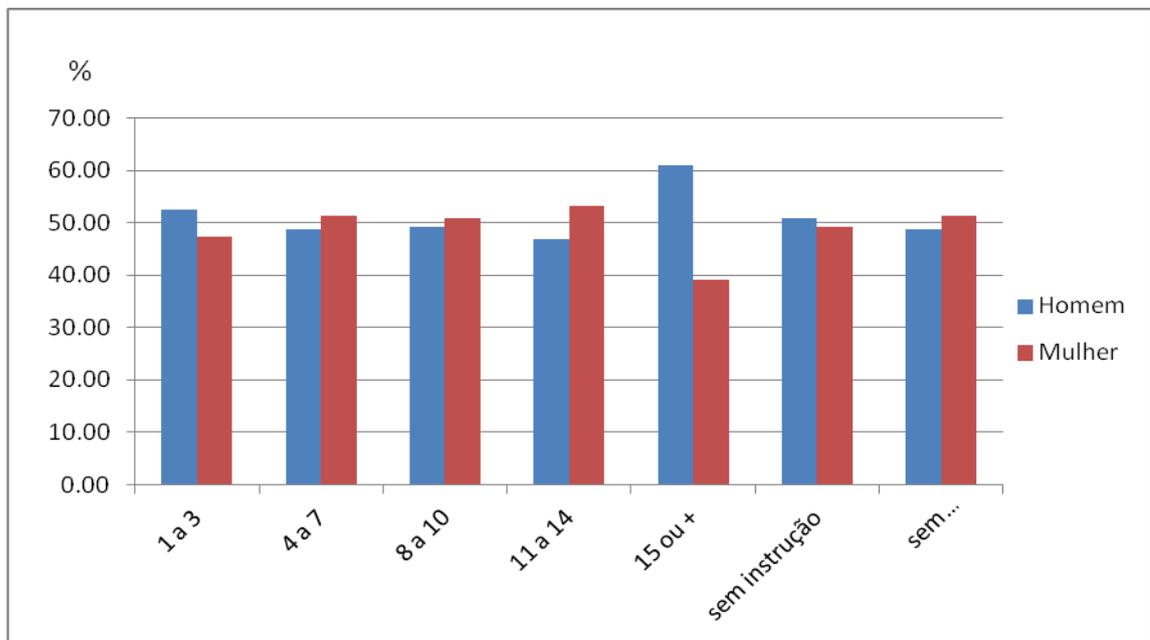


Fonte: Censo Demográfico 1970.

¹⁰ Devido a que os censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 apresentarem metodologias de apresentação dos resultados diferenciadas, quanto aos agrupamentos dos anos de estudos, foi preciso uma verdadeira garimpagem nos dados e uma análise década a década a fim de evitar contradições na análise. Entretanto, como objetivo era investigar a evolução educacional da mulher quanto a sua ascensão a níveis mais elevados de escolaridade, esta diferença metodológica não se configurou como um problema em si. Os intervalos utilizados para exposição dos dados foram: 1 a 3 anos de estudo; 4 a 7 anos e estudo; 8 a 10 anos de estudo; 11 a 14 anos de estudo; 15 ou mais anos de estudo; sem instrução e sem declaração/não determinado

Por meio do censo de 1980 buscou-se verificar se houve avanço no perfil educacional da mulher entre duas décadas. Observou-se que, dentre as que pessoas que estudaram até nove anos, mais uma vez as mulheres aparecem como maioria (53%), não se diferenciando muito do que verificado no censo anterior. Também no ensino médio elas continuam como maioria (54%). A partir dos 12 anos estudados há nova inversão e as mulheres voltam a se tornar minoria, representando, em média, menos de 40% das pessoas que freqüentavam o vestibular.

Gráfico 4
Participação por sexo segundo anos de estudo
Estado do Amazonas - 1980



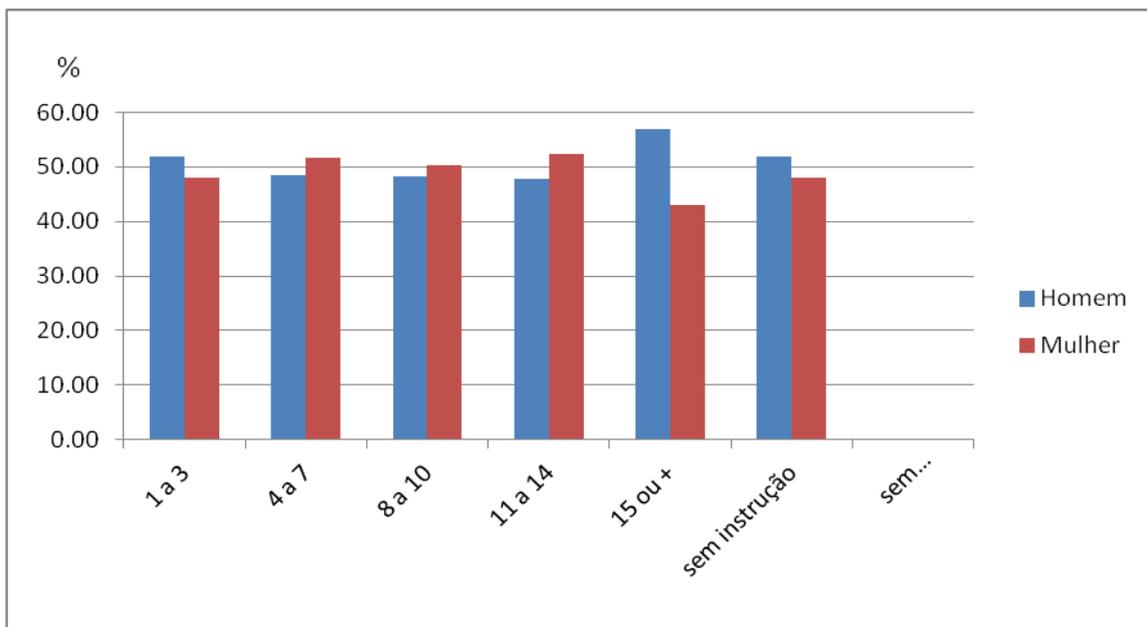
Fonte: Censo Demográfico 1980.

Vê-se, pois, que, comparando-se as duas décadas (1970 e 1980), com relação aos anos de estudo, verificamos um hiato menor entre homens e mulheres em 1980 em termos de educação superior. Elas eram minoria nos níveis mais elevados de instrução, mas foram galgando mais espaço.

Em 1991, as mulheres permaneciam como maioria das pessoas com até dez anos de estudo, indicando mais uma vez, sua intenção em conseguir o diploma do segundo grau. Na

população com 11 a 14 anos de estudo, as mulheres aparecem como a maioria com 2º grau completo e, pela primeira vez, no superior incompleto (52%), mostrando importante avanço com relação à década anterior, onde, a partir do vestibular, o número de mulheres se reduzia, comparativamente aos homens. O último grupo classificado neste ano foi o de 15 anos ou mais de estudo, onde estavam incluídas as pessoas com diploma de nível superior, e neste grupo a presença feminina continuava minoritária, porém com grande avanço sobre a década anterior (42% dos que haviam concluído o curso superior contra 32% em 1980).

Gráfico 5
Participação por sexo segundo anos de estudo
Estado do Amazonas - 1991

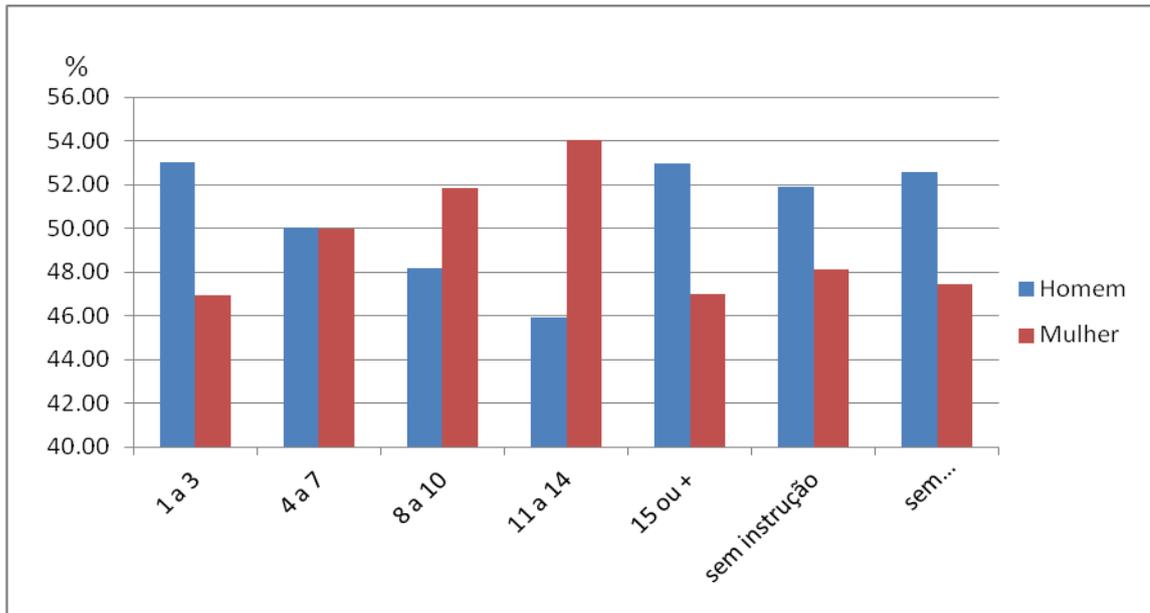


Fonte: Censo Demográfico 1991.

Em 2000 já se constatava a irreversibilidade da vantagem feminina sobre os homens com relação aos anos de estudo concluídos. Aqui, com a mesma exceção das décadas anteriores quanto aos que haviam concluído até três anos de estudo, as mulheres aumentaram sua participação entre os que tinham completado mais anos de estudo e, no último grupo (o

dos que terminaram o curso de graduação), elas quase se igualam os homens , atingindo 47% das pessoas com diploma de nível superior.

Gráfico 6
Participação por sexo segundo anos de estudo
Estado do Amazonas - 2000



Fonte: Censo Demográfico 2000.

Nesta seção que se encerra pôde-se verificar que as informações para o Amazonas constantes dos quatro censos estudados (1970, 1980, 1991 e 2000) revelaram a formação de um novo perfil feminino com relação a sua participação na força de trabalho, a sua posição na ocupação e sua maior participação nos níveis educacionais mais elevados. A próxima parte do trabalho traçará algumas características do perfil da mulher amazonense do início do século XXI.

5. O PERFIL DA MULHER MODERNA: COMO AS AMAZONENSES SE INSEREM NESSE NOVO MODO DE VIDA FEMININO

As publicações dos censos demográficos, estadual e nacional, utilizados na seção anterior, revelaram que ao final do século já foi possível observar algumas mudanças no perfil das mulheres, bem como avanços significativos dessas enquanto agentes sociais.

Assim, todo o processo de desenvolvimento ocorrido no Estado deste de 1967 ajudou a construir a mulher que chega ao século XXI disputando cada vez mais espaço na sociedade e no mercado de trabalho, mesmo em áreas antes predominantemente masculinas em tempos anteriores. Com vista a fazer uma investigação socioeconômica mais detalhada, mediante uma série de dados comparável (DEDECCA, 1998), utilizaram-se as estatísticas das PNADs 2001 e 2009 para que pudessem detalhar o perfil feminino, desta primeira década do século, observando-se que o caminho de melhoras nas condições das mulheres permaneceu ascendente.

Os primeiros dados investigados, nesta parte da pesquisa, demonstram que a PIA amazonense no início do século apresenta um potencial de força de trabalho bastante equitativo, praticamente em todas as faixas etárias que compõem esse grupo populacional, como observado no período anterior analisado (1970/2000). Pequenas variações ocorrem provavelmente devido a erros amostrais, com exceção das idades a partir de 50 anos, onde a maior sobrevivência das mulheres se reflete numa População em Idade Ativa (PIA) superior à masculina.

No entanto, como a PIA revela pouco sobre a situação socioeconômica feminina, partiu-se então a verificar a PEA desse início de século de tantas conquistas femininas, onde muitas mulheres chegam a cargos de dirigentes máximos de empresas e países.

Os dados revelaram que os aumentos nas participações de ambos os sexos foram compatíveis, num quadro de grande crescimento da PEA como um todo (Tabela 5). Na faixa de 50 anos e mais de idade o crescimento foi extraordinário, com destaque para as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Nesta última faixa a PEA quase quadruplicou em entre 2001 e 2009, devido ao processo de sua incorporação de mulheres de faixa etária mais elevada na força de trabalho na década. Também os homens tiveram um incremento extraordinário nesta faixa etária, porém bastante inferior ao das mulheres, conforme mostra a tabela 5. Em relação à população feminina nessas idades, o fenômeno vem ocorrendo na sociedade brasileira de um modo geral, onde as mulheres com mais idade, permanecem no mercado trabalho para ajudar a renda familiar, visto que os mais jovens encontram dificuldade de encontrar emprego.

Tabela 5
Número de Homens e Mulheres na População Economicamente Ativa (Mil pessoas)
Estado do Amazonas – Domicílio Urbano - 2001-2009

Grupos de idade	Sexo X Ano					
	Total		Homem		Mulher	
	2001	2009	2001	2009	2001	2009
Total	900	1.324	538	741	361	583
10 a 14 anos	14	9	7	4	6	6
15 a 19 anos	92	91	56	51	36	40
20 a 29 anos	298	401	182	231	116	171
30 a 39 anos	229	360	131	196	98	164
40 a 49 anos	175	262	102	144	72	118
50 a 59 anos	69	157	43	88	26	69
60 anos ou mais	24	43	18	27	6	16
Idade ignorada	-	-	-	-	-	-

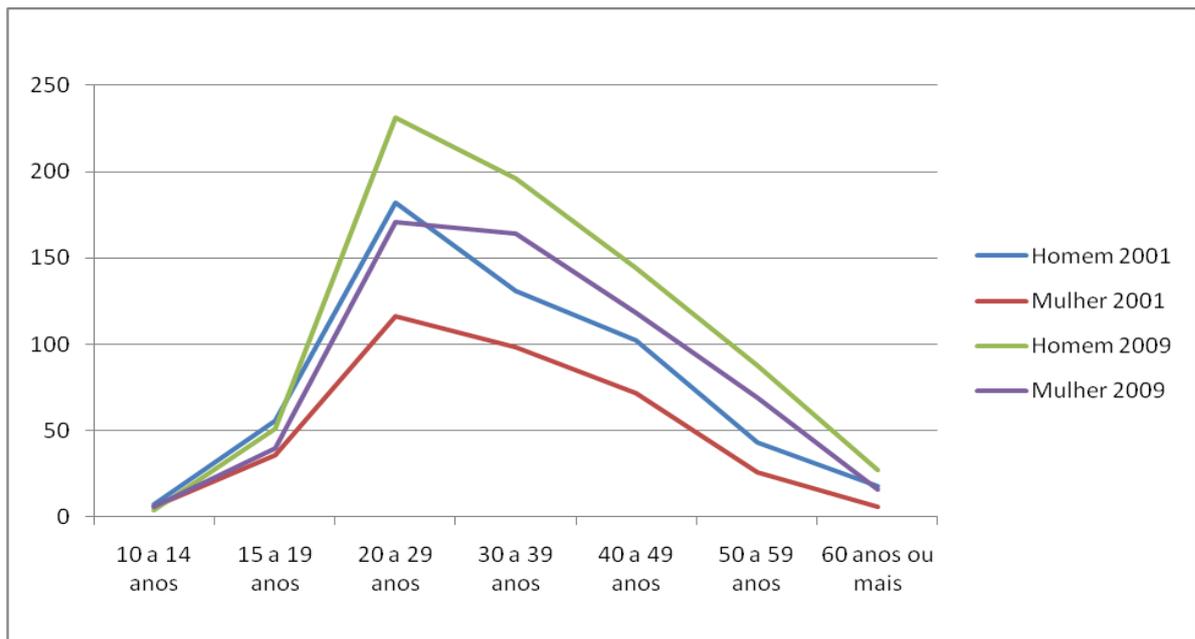
Fonte: PNAD 2001 e 2009 (SIDRA).

O início do século também mostrou que a idade média das mulheres dispostas ao mercado de trabalho subiu para 36 anos de idade em 2009, se comparado ao final do século passado, quando a idade média dessas mulheres era de 31 anos de idade, mostrando

envelhecimento nas mulheres no mercado de trabalho local. E a crescente inserção das novas gerações tem feito com que as mulheres de 20 a 59 anos de idade aumentem suas taxas de participação na PEA.

Gráfico 7

Distribuição por idade da PEA masculina e feminina em 2001 e 2009 (Mil pessoas)
Estado do Amazonas – Domicílio Urbano - 2001-2009



Fonte: PNAD 2001 e 2009 (SIDRA).

A fim de confirmar o progresso feminino iniciado nos últimos anos do século passado, no que tange ao maior nível ou grau de estudo que as mulheres estavam freqüentando ou haviam freqüentado, analisou-se a composição dos grupos de anos de estudo por sexo das pessoas de 10 anos ou mais de idade em 2001 e 2009. Neste ponto, a análise chama atenção, pois, segundo do Censo 2000 e como citado na seção anterior, as mulheres fecharam o século com uma diferença de 8 pontos percentuais de vantagem sobre os homens no grupo de estudo de 11 a 14 anos, porém no grupo imediatamente posterior, onde se encontram as pessoas com diploma elas ficaram 5 pontos percentuais atrás. No século atual, prosseguiram abrindo vantagem e, finalmente, em 2009, alcançaram e superaram amplamente a maioria no grupo

dos que completaram o curso superior, com 58,59% de participação nesse grupo, revelando que continuam buscando avançar mais ainda nos níveis de instrução formal para concorrer ao mercado de trabalho.

Tabela 6

Participação das pessoas de 10 anos ou mais de idade por sexo e anos de estudo
Estado do Amazonas – Domicílio Urbano - 2001-2009

Grupos de anos de estudos	2001		2009	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Sem instrução e menos de 1 ano	50,80%	49,20%	47,16%	52,84%
1 a 3 anos	49,39%	50,61%	51,92%	48,08%
4 a 7 anos	49,73%	50,27%	50,39%	49,61%
8 a 10 anos	46,98%	53,02%	47,06%	52,94%
11 a 14 anos	46,98%	53,02%	47,13%	52,87%
15 anos ou mais	51,28%	48,72%	41,94%	58,06%
Não determinados e sem declaração	47,37%	52,63%	27,27%	72,73%

Fonte: PNAD 2001 – 2009 (SIDRA).

A população feminina permanece nas áreas de atividade econômica historicamente ditas femininas. Os dados dos grupamentos de atividade no trabalho principal só confirmam que as mulheres amazonenses, mesmo envolvidas na indústria e no comércio locais, ainda se destacam nos serviços domésticos e os de educação, saúde e os serviços sociais, tanto no início como no final da década, segundo observado na Tabela 7. Deve-se ressaltar, porém, sua importância nas atividades de alojamento e alimentação, indicando uma maioria feminina nos serviços de hotelaria e restaurantes que aumentou consideravelmente entre 2001 e 2009.

Tabela 7

Participação das pessoas de 10 anos ou mais de idade, por sexo e setor de atividade¹¹
Estado do Amazonas - 2002 e 2009

Setor de Atividade	Homem		Mulher	
	2002	2009	2002	2009
Agrícola	72,34%	71,13%	27,66%	28,87%
Indústria	67,61%	63,55%	32,39%	35,96%
Construção	97,47%	96,69%	2,53%	3,31%
Comércio e reparação	64,86%	58,73%	35,14%	41,27%
Alojamento e alimentação	46,51%	41,67%	53,49%	58,33%
Transporte, armazenagem e comunicação	90,20%	89,47%	11,76%	9,21%
Administração pública	63,16%	65,26%	35,53%	35,79%
Educação, saúde e serviços sociais	26,58%	29,17%	73,42%	70,83%
Serviços domésticos	6,56%	6,54%	93,44%	93,46%
Outros serviços e atividades	50,00%	60,00%	50,00%	40,00%

Fonte: PNAD 2001 – 2009 (SIDRA).

Para o período de 2001 a 2009 foi também estudado o rendimento mensal de homens e mulheres com a utilização dos dados da PNAD, tomando-se o devido cuidado para as variações do salário-mínimo no período. Deve-se, pois, ficar atento às comparações entre os dois anos, visto que um aumento do salário-mínimo diferente da variação do índice inflacionário pode implicar condições econômicas diferentes para um mesmo número de salários-mínimos num ano e noutro.

Não obstante, percebe-se que, entre as pessoas que recebem até um salário mínimo, as mulheres eram maioria, tanto em 2001 como em 2009. Com o aumento da faixa de rendimento as mulheres passam a representar minoria, o que pode estar relacionado, além da falta de emprego, ao fato de muitas mulheres trabalharem informalmente (33% das mulheres empregadas tinham sua carteira assinada no início da década, com ínfima evolução (para 34%) no final). Na classe de rendimento imediatamente superior os homens aparecem mais que as mulheres, talvez por se destacarem na busca por trabalho com a segurança que a “carteira assinada” pode dar. Diferente é a situação das mulheres que muitas vezes procuram

alternativas para terem mais tempo disponível para a família e para compensar a falta de emprego, envolvendo-se em atividades onde ganham por diária, ou na venda de catálogos. Essa superioridade de rendimentos dos homens permanece nas faixas seguintes. Deve-se notar, no entanto, que, apesar de possíveis erros amostrais ou decorrentes da variação do salário-mínimo, pode-se perceber, entre 2001 e 2009, uma queda de 50% (de 27 para 16 mil) no número de homens que recebem mais de 10 salários-mínimos (Tabela 8). Cuidados na interpretação do fenômeno devem ser tomados em virtude de não haver, à primeira vista, explicação plausível para o fenômeno. Para as mulheres, por sua vez, não houve modificação, no período considerado, da quantidade das que se situam nessa faixa de rendimento, informação que deve ser vista com cuidado, já que pode ser afetada por erro amostral.

Tabela 8

Pessoas de 10 anos e mais por sexo, segundo classe de rendimento mensal (Mil pessoas)
Estado do Amazonas – Domicílio Urbano - 2001-2009

Classes de rendimento mensal	Sexo X Ano					
	Total		Homem		Mulher	
	2001	2009	2001	2009	2001	2009
Total	900	1.324	538	741	361	583
Até 1/2 salário mínimo	29	83	12	30	17	53
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	139	270	64	132	75	138
Mais de 1 a 2 salários mínimos	281	439	172	264	109	175
Mais de 2 a 3 salários mínimos	118	151	85	102	33	49
Mais de 3 a 5 salários mínimos	101	109	69	70	32	40
Mais de 5 a 10 salários mínimos	64	66	43	45	21	21
Mais de 10 salários mínimos	35	24	27	16	8	8
Sem rendimento	131	172	65	76	66	96
Sem declaração	0	11	0	6	0	4

Fonte: PNAD 2001 e 2009 (SIDRA).

¹¹ A PNAD só disponibilizou os dados a partir de 2002.

Por fim, estudou-se comparativamente a quantidade de horas trabalhadas na semana, vislumbrando-se a possibilidade de se encontrar, nos dados da pesquisa, se esta jornada tem influência no total de horas trabalhadas das mulheres em sua tripla atividade como trabalhadora, esposa e mãe.

Os dados revelaram que as mulheres trabalham menos tempo que os homens. No entanto, elas aparecem como maioria na faixa de até 39 horas semanais de trabalho, tanto no início como no final da década, conforme a Tabela 9. A partir de 40 horas semanas esta participação cai sensivelmente, chegando a representar menos de 1/3 dos trabalhadores com carga horária de 45 a 48 horas semanas, revelando que as mulheres estão em menor número quando a jornada de trabalho é muito extensa, pelo menos fora do âmbito domiciliar, onde a responsabilidades das tarefas domésticas ainda recaem sobre o sexo feminino.

Tabela 9

Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por sexo, segundo grupos horas habitualmente trabalhadas (Mil pessoas)

Estado do Amazonas – 2001-2009.

Grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
	2001		2009		2001 (%)		2009 (%)	
Total	494	314	861	593	61,21%	38,91%	59,18%	40,75%
Até 14 horas	10	14	18	28	41,67%	58,33%	39,13%	60,87%
15 a 39 horas	70	97	202	242	41,92%	58,08%	45,50%	54,50%
40 a 44 horas	150	99	338	188	60,48%	39,92%	64,38%	35,81%
45 a 48 horas	137	50	185	85	73,26%	26,74%	68,52%	31,48%
49 horas ou mais	127	53	118	50	70,95%	29,61%	69,82%	29,59%
Sem declaração	1	1	-	-				

Fonte: PNAD 2001 e 2009 (SIDRA).

A PNAD ainda tem muito a revelar sobre esta mulher, mas esse é um material rico e interessante que ainda servirá para muitas pesquisas sobre a mulher no Estado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou contribuir para a atual percepção feminina nos diversos espaços sociais, como reflexo da ação desenvolvimentista ocorrida no Estado do Amazonas. Os dados estudados destacaram o progresso feminino, mas não deixou de verificar que ainda há um longo caminho a ser percorrido, em direção à igualdade.

O estudo permitiu verificar a situação da mulher por meio dos dados fornecidos pelo IBGE desde 1970, possibilitando enxergar a mudança de cultura, quando as mulheres passam a deixar de ser donas de casa e vão disputar vagas no mercado de trabalho, representando, estas últimas, em 2000, 38,54% da População Economicamente Ativa no Estado, superando um passado que começou com uma representação de apenas 15%.

A participação feminina como força de trabalho cresceu consideravelmente no decorrer da primeira década deste século, ficando cada vez mais patente a presença feminina na atividade econômica. Em 2009, sua participação chegou a mais de 40% da PEA da população no Amazonas.

No entanto, essa expansão guardou ao longo dos anos estudados as mesmas características no que diz respeito à concentração da PEA feminina em algumas faixas etárias. Até o ano de 2000 a força de trabalho feminina concentrava-se nas idades mais jovens, embora, neste último ano, já se observasse um ligeiro envelhecimento da PEA feminina, o qual irá se intensificar nos primeiros anos do Século XXI. Apesar das diferenças metodológicas existente entre os diversos censos é inquestionável o aumento da participação feminina na PEA. E o crescimento da inserção das novas gerações tem feito com que as mulheres com idade mais avançadas tenham altas taxas de participação na PEA.

As mulheres aumentaram continuamente sua taxa de participação no mercado. Essa taxa, que representa a proporção de mulheres da PEA na População em Idade Ativa feminina,

evoluiu de 12% em 1970 para 49,3% em 2009. Já a taxa de participação dos homens, que era de 72% em 1970, reduziu-se de 3 pontos percentuais no mesmo período, caindo para 69%. Esses resultados indicam que a mulher vem ocupando um espaço cada vez maior no mercado de trabalho, em detrimento de uma parcela do espaço que os homens vinham antes ocupando.

Quanto ao grau de instrução das mulheres, elas tinham, desde o início do período em estudo, pequena vantagem sobre os homens no que se refere aos anos de estudo concluídos até o equivalente ao atual nível fundamental (nove anos de estudo), vantagem que se torna nos anos de estudo completos seguintes (atual médio). Permaneciam, porém, em desvantagem quando se tratava dos estudos universitários e na conclusão desses cursos. Com o decorrer das décadas, seu nível de instrução não só permanece superior até o nível médio, como se iguala ao dos homens quando se trata dos estudos universitários no fim do século, para, finalmente, superá-los na primeira década do Século XXI. Foram tempos de grande avanço: os desafios do mercado de trabalho incentivaram as mulheres a obter, com maioria sobre os homens, o diploma de nível médio nas últimas décadas do século anterior e o diploma de nível superior neste início de século.

Utilizando-se basicamente os dados das PNADs de 2001 e 2009 pôde-se estudar uma série de variáveis concernentes ao trabalho e à renda da população feminina. Uma delas é participação na força de trabalho segundo setores de atividade econômica, em que elas permanecem nas atividades historicamente ditas femininas. Mesmo envolvidas na indústria e no comércio locais, se destacam nos serviços domésticos e os de educação, saúde e os serviços sociais, além de mostrarem importância nas atividades de alojamento e alimentação.

Neste início de século, os homens são minoria entre as pessoas que recebem até um salário mínimo. Com o aumento da faixa de rendimento as mulheres passam a ser minoria, o que pode estar relacionado, além da falta de emprego, ao fato de muitas mulheres trabalharem informalmente e os homens se destacarem na busca por trabalho com a segurança que a

“carteira assinada” pode dar. As mulheres procuram alternativas para disporem de mais tempo para a família e compensar a falta de emprego, envolvendo-se em atividades onde possam concatenar esses interesses. Essa superioridade de rendimentos dos homens se dá em todas as faixas de renda superiores a um salário-mínimo. Na última faixa (10 salários-mínimos e mais) os homens apresentam uma queda de rendimento de 50% entre 2001 e 2009, o, na ausência de explicação plausível, pode ser devido a erro amostral.

Por fim, a variável “Horas trabalhadas” confirmou algo que se ouve nas conversas populares, isto é, que as mulheres trabalham menos tempo que os homens, pelo menos fora de casa. A pesquisa revelou que, a partir de 40 horas habitualmente trabalhadas, por semana, a participação feminina reduz-se consideravelmente, provando que as mulheres ainda guardam tempo e energia para os cuidados da casa e da família, um sentimento que está intrínseco à condição de mulher.

O estudo buscou verificar que houve melhoras significativas na vida das mulheres amazonenses. De um passado restrito à esfera privada, melhoraram sua condição de vida, incrementando a participação na vida econômica, social, cultural e política do Estado, deixando para trás a idéia da mulher apenas explorada. Todavia, faz-se necessário a implementação de políticas que contribua para seu emponderamento como mãe, companheira, trabalhadora e agente social e econômica cada vez mais ativa.

No entanto, esta pesquisa ainda é muito superficial face à quantidade das informações disponíveis. Tentou-se, de forma breve, mostrar que cada vez mais será preciso olhar para a mulher e vislumbrar a necessidade de políticas públicas voltadas a essa parte da população responsável pela reprodução da sociedade e, atualmente, cada vez mais engajada na reprodução da economia.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.M.de M. Masculinidades: uma discussão conceitual preliminar, *in* MURARO R. M. e PUPPIN A. B. (org), *Mulher, Gênero e Sociedade*, Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, p. 89 - 110, 2001.

BARBOSA, I. *Chão de Fábrica - Ser Mulher Operária no Pólo Industrial de Manaus*. Manaus: Editora Valer, 2007, 150 p.

BRASIL, M. C. Os fluxos migratórios na região Norte nas décadas de 70 e 80: uma análise exploratória. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, vol.13, n.1, jan./jun., p.61-84, 1997.

BRUSCHINI, C. O Trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes, *Revista Estudos Feministas*, Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec, nº especial, 2º semestre, p. 179 – 199, Florianópolis, 1994.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. O trabalho da mulher brasileira nos primeiros anos da década de noventa. In: *Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Anais*, Belo Horizonte: ABEP, 1996.

DEDECCA, C. S. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- PNAD Síntese Metodológica, *Revista de Estudos da População*, n 15 (2), p. 103-114, Brasília, 1998.

DEGRAFF, D. S.; ANKER, R. Gênero, mercados de trabalho e o trabalho das mulheres, In: PINNELLI, A. (Org.). Demographicas Gênero nos Estudos de População, vol. 2, p. 163 – 198, Campinas, ABEP, 2004.

FERREIRA, A. H. B. Evolução recente das rendas per capita estaduais no Brasil. Revista de Economia Política, vol. 18, nº 1 (69), jan-mar, p. 90-97, São Paulo, 1998.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE. Censo Demográfico 1970 - Mão-de-obra. Amazonas: FIBGE, 1973

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE. Censo Demográfico 1980 - Mão-de-obra. Amazonas: FIBGE, 1983

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE. Censo Demográfico 1991 - Mão-de-obra. Amazonas: FIBGE, 1997

GOMES, G. M.; VERGOLINO, J. R.. Trinta e cinco anos de crescimento econômico na Amazônia (1960/1995), Texto para Discussão no 533, Brasília, IPEA, Dez., 1997, 104 p.

GUIMARÃES, M. da G. V. Vida familiar e profissional: desafios e perspectivas, 1ª edição, Manaus: EDUA, 2010, 231 p.

LAVINAS, L. Empregabilidade no Brasil: Inflexões de Gênero e diferenciais femininos. Texto para Discussão, no. 826, Rio de Janeiro, IPEA, 2001. 24 p.

MACHADO, L. Z. Gênero, um novo paradigma?, in BESSA, Karla Adriana (org.) Cadernos Pagu, “Trajetória do Gênero, masculinidades...”, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, p. 107 – 125, 1998 (11).

MARQUES, T. C. de N., Educação Feminina no Brasil, In Relatório de Pesquisa do Projeto Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero - *GenTec* (Gênero e Tecnologia. UNESCO/OEI) Rio de Janeiro, *mimeo*, 2002.

MELO, H., CASTILHO, M. e SABBATO, A. DI., Um olhar de gênero sobre o setor eletro-eletrônico da Zona Franca de Manaus., p. 11-53, Rio de Janeiro: Instituto Equit/Julho de 2010.

MELO, H. P. e LASTRES, H. M. M. Brasil Gênero, Ciência, Tecnologia e Inovação - Um Olhar Feminino, Relatório de Pesquisa do Projeto Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero – *GenTec*, Rio de Janeiro, *mimeo*, 2003.

MELO, H. P. e SERRANO, F. A mulher como objeto da teoria econômica, In: AGUIAR, N. (Org.). Gênero e Ciências Humanas desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres, Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos/Record, p. 137 – 159, 1997.

MELO, H. P. Trabalho Industrial Feminino, Texto para discussão, no 764, Rio de Janeiro: IPEA, 2000, 33p.

MORAES, M.L. Q. de. Usos e Limites da Categoria Gênero, In: BESSA, K. (Org.). Cadernos Pagu, Trajetória do Gênero, masculinidades..., Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, p. 99 – 105, 1998 (11).

MOURA, E., CASTRO, E., MAIA, M. L. S. (Org.). A utilização do trabalho feminino nas indústrias de Belém e Manaus, Anais do IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. São Paulo: ABEP, Vol. 1. p. 237 – 270, 1984.

OLIVEIRA, S. S. B. Reestruturação Produtiva e Qualificação Profissional na Zona Franca de Manaus. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000. 132 p.

OLIVEIRA, S. S. B. de. As mutações no processo produtivo da indústria eletroeletrônica e qualificação dos trabalhadores. In. 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Educação. Poços de Caldas: ANPED, 2003. Disponível: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/selmasuelybacaldeoliveira.rtf>. Acesso em: 26 fev. 2008.

PINNELLI, A. (Org.) Gênero e família nos países desenvolvidos. In: Demographicas Gênero nos Estudos de População, vol. 2. p. 55 – 92, Campinas: ABEP, 2004.

PISCITELLI, A. Gênero em Perspectiva, *in* BESSA, Karla Adriana (org.) Cadernos Pagu, “Trajetória do Gênero, masculinidades...”, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP; p. 140 – 155, 1998 (11).

RABELO, E. Q. Características socio-demográficas dos migrantes para o município de Manaus a partir da criação da Zona Franca de Manaus. Monografia do Curso de Graduação em Economia da Faculdade de Estudos Sociais da Universidade Federal do Amazonas. 2006

SOARES, S.; IZAKI, R. S. A participação feminina no mercado de trabalho, Texto para Discussão no 923, Rio de Janeiro: IPEA, 2002, 27 p.

SPINDEL, C. R. Formação de um novo proletariado: as operárias do distrito industrial de Manaus. *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 4, nº 2, p. 1 – 38, jul/dez, São Paulo, 1987.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 20 (2), jul/dez, p. 71-99, 1995.

TAFNER, P. *et al.* Brasil, o estado de uma nação mercado de trabalho, emprego e informalidade: mercado de trabalho, emprego e informalidade 2006, Rio de Janeiro, IPEA 2006.

TEIXEIRA, P. BRASIL, M. População: características da dinâmica demográfica em Manaus. Estudo realizado para a Secretaria de Planejamento do Estado do Amazonas. 2006.

TORRES, I. Citada no *Jornal do Comércio* em 22 de agosto de 2007.

TORRES, I. C. *As Novas Amazônidas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005, 322p.

VAITSMAN, J. Gênero, identidade, casamento e família na sociedade contemporânea, *in* MURARO Rose Marie e PUPPIN Andréa Brandão (org), *Mulher, Gênero e Sociedade*, Editora Relume Dumará. Rio de Janeiro, p. 13 – 20, 2001.

VIEIRA, J. M. Transição para a vida adulta no Brasil: análise comparada entre 1970 e 2000. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, vol.25, no.1, p.27-48, jun 2008.

Portais Pesquisados:

<http://www.sidra.ibge.gov.br/> - data de acesso 20/04/2010

<http://biblioteca.ibge.gov.br/> - data de acesso 02/05/2010

<http://suframa.gov.br/> - data de acesso 15/08/2010 e 06/06/2011

ANEXOS

Anexo 1 - Pessoas em Idade Ativa, População Economicamente Ativa por sexo no Amazonas de 1970 a 2000									
Anos	PIA			PEA			% da PEA na PIA		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
1970	629472	317881	311591	269333	228928	40405	42.79	36.36	6.42
1980	943116	476646	466470	445174	338828	106346	47.20	35.92	11.28
1991	1478550	743275	735285	685857	479732	206125	46.39	32.44	13.94
2000	2057340	1032837	1024503	1 081 90	664 838	416 52	52.58	32.32	20.27

Fonte: Censo Demográfico 1970, 1980, 1991 e 2000.

Anexo 2 - Pessoas segundo posição na ocupação no Amazonas de 1970 a 2000.									
Anos	EMPREGADO		AUTONOMO		EMPREGADORES		NAO REMUNERADO		
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
1970	67164	24957	133740	11050	1841	59	26180	4335	
1980	136766	73077	162129	17801	4721	748	24305	9325	
1991	205752	131682	209150	33655	7943	1616	15347	6773	
2000	279181	200200	199082	56691	9005	3107	73564	49758	

Fonte: Censo Demográfico 1970, 1980, 1991 e 2000.

Anexo 3 - Participação por sexo na PEA do Amazonas – 1970, 1980, 1991 e 2000.									
Grupos de Idade	1970		1980		1991		2000		
	PEA		PEA		PEA		PEA		
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
10-14	14398	2031	17686	5894	15708	9222	18755	11137	
15-19	31657	6843	46760	18760	53298	27042	78592	52479	
20-24	34647	7894	57694	21860	78445	36057	115989	74348	
25-29	29926	5553	49874	16669	75901	33387	102756	66802	
30-34	26259	4331	71864	21960	67291	28962	87661	57828	
35-39	22769	3775	-	-	52835	24057	76102	50344	
40-44	20156	3130	50453	13178	43084	17870	60453	39889	
45-49	15730	2380	-	-	30826	11074	45904	28794	
50-54	12403	1744	29317	5972	24633	7482	52219	27061	
55-59	8843	1208	-	-	15191	4842	-	-	
60-64	5644	659	12202	1652	11379	2986	20882	6666	
65-69	3232	461	-	-	6679	1712	-	-	
70 e mais	2362	278	2160	369	4562	1432	5527	1604	

Fonte: Censo Demográfico 1970, 1980, 1991 e 2000.

Anexo 4 - Empregados de 10 anos ou mais de idade no trabalho principal da semana de referência e Valor do rendimento médio mensal do trabalho principal, por sexo, categoria do emprego e classes de rendimento mensal do trabalho principal						
Unidade da Federação = Amazonas						
Variável = Empregados de 10 anos ou mais de idade, no trabalho principal da semana de referência (Mil pessoas)						
Categoria do emprego = Com carteira de trabalho assinada						
Classes de rendimento mensal do trabalho principal	Sexo X Ano					
	Total		Homem		Mulher	
	2001	2009	2001	2009	2001	2009
Total	231	394	154	260	77	134
Até ½	0	0	0	-	-	0
Mais de 1/2 a 1	12	59	7	31	5	28
Mais de 1 a 2 salários mínimos	97	215	59	140	38	75
Mais de 2 a 3 salários mínimos	49	66	38	51	12	15
Mais de 3 a 5 salários mínimos	43	35	29	24	14	11
Mais de 5 a 10 salários mínimos	19	15	14	10	5	4
Mais de 10 a 20 salários mínimos	7	2	5	2	2	0
Mais de 20 salários mínimos	3	0	2	0	0	-
Sem rendimento	-	-	-	-	-	-
Sem declaração	-	3	-	2	-	0

Nota:

- 1 - Até 2003, exclusive a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.
- 2 - A categoria Sem rendimento inclui as pessoas que receberam somente em benefícios.
- 3 - A categoria Total inclui as pessoas sem declaração de categoria de emprego.
- 4 - As classes de rendimento são em salários mínimos.
- 5 - Para a variável Valor do rendimento médio mensal: exclusive as pessoas sem declaração do valor do rendimento.
- 6 - Os dados desta tabela foram reponderados pelo peso definido pela Contagem da População de 2007.

Anexo 5 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por posição na ocupação no trabalho principal, sexo e grupamentos de atividade do trabalho principal

Unidade da Federação = Amazonas

Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência (Mil pessoas)

Posição na ocupação no trabalho principal = Total

Grupamentos de atividade do trabalho principal	Homem								Mulher							
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
	Total	506	552	786	831	848	789	844	861	337	346	475	511	493	509	527
Agrícola	34	33	202	179	177	167	166	170	13	11	69	66	70	62	53	69
Indústria	96	110	134	122	145	126	139	129	46	51	53	74	65	61	69	73
Indústria de transformação	91	101	123	113	136	117	128	115	44	50	52	73	64	59	66	71
Construção	77	80	79	87	89	96	98	117	2	2	3	2	2	2	4	4
Comércio e reparação	120	121	142	168	170	136	142	148	65	64	89	101	91	94	95	104
Alojamento e alimentação	20	24	21	42	37	29	37	30	23	25	27	37	34	39	44	42
Transporte, armazenagem e comunicação	46	47	54	60	60	68	72	68	6	7	3	6	5	9	9	7
Administração pública	48	57	50	61	60	51	67	62	27	27	31	28	26	25	36	34
Educação, saúde e serviços sociais	21	23	31	33	32	32	42	42	58	61	81	81	80	86	99	102
Serviços domésticos	4	5	14	14	15	6	8	7	57	68	85	82	71	72	73	100
Outros serviços coletivos, sociais	12	10	15	16	18	21	24	29	22	13	20	20	26	22	20	27

e pessoais																
Outras atividades	26	39	42	51	44	54	49	58	16	16	15	15	23	34	25	31
Atividades mal definidas ou não declaradas	4	3	2	1	3	-	-	-	0	-	0	-	-	-	-	-
Atividades mal definidas	-	-	-	-	-	1	1	2	-	-	-	-	-	1	0	-

Nota:

1 - Até 2003, exclusive a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

2 - A partir de 2007: as categorias Sem declaração e Não-declaradas não foram investigadas.

3 - Os dados desta tabela foram reponderados pelo peso definido pela Contagem da População de 2007.

Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Anexo 6 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por posição na ocupação no trabalho principal, sexo e grupos de idade																		
Unidade da Federação = Amazonas																		
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência (Mil pessoas)																		
Grupos de idade = Total																		
Posição na ocupação no trabalho principal	Homem									Mulher								
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Total	494	506	552	786	831	848	789	844	861	314	337	346	475	511	493	509	527	593
Empregados	309	291	331	390	437	448	446	501	492	165	177	184	222	229	230	268	291	296
Trabalhadores domésticos	2	4	5	14	14	15	6	8	7	56	57	68	85	82	71	72	73	100
Conta própria	145	167	173	278	290	282	257	252	272	63	69	62	86	109	116	105	99	114
Empregadores	15	17	17	22	22	24	12	24	29	6	7	6	4	7	8	5	10	10
Trabalhadores na construção para o próprio uso	1	0	2	1	1	1	1	1	1	0	-	-	-	-	-	-	0	-
Trabalhadores na produção para o próprio consumo	4	10	9	34	11	31	18	18	16	3	10	6	23	7	18	11	12	11
Não remunerados	18	17	16	47	56	49	49	40	44	22	18	20	56	78	49	48	42	62
Sem declaração	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Nota:

1 - Até 2003, exclusive a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

2 - A partir de 2007: as categorias Sem declaração e Idade ignorada não foram investigadas.

3 - Os dados desta tabela foram reponderados pelo peso definido pela Contagem da População de 2007.

Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Anexo 7 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal, sexo e classes de rendimento mensal do trabalho principal																		
Unidade da Federação = Amazonas																		
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência (Mil pessoas)																		
Classes de rendimento mensal do trabalho principal = Total																		
Grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal	Homem									Mulher								
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
	Total	494	506	552	786	831	848	789	844	861	314	337	346	476	511	493	509	527
Até 14 horas	10	6	5	9	12	15	13	16	18	14	15	7	18	13	22	21	18	28
15 a 39 horas	70	77	97	194	170	177	208	169	202	97	98	106	166	196	195	199	189	242
40 a 44 horas	150	204	233	262	343	296	323	300	338	99	135	148	165	199	155	187	166	188
45 a 48 horas	137	120	138	185	187	264	126	182	185	50	61	58	79	66	93	47	87	85
49 horas ou mais	127	99	79	135	119	96	119	178	118	53	27	27	48	38	27	55	67	50
Sem declaração	1	-	-	0	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-

Nota:

- 1 - Até 2003, exclusive a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.
- 2 - A categoria Sem rendimento inclui as pessoas que receberam somente em benefícios.
- 3 - As classes de rendimento são em salários mínimos.
- 4 - A partir de 2007: a categoria Sem declaração não foi investigada.
- 5 - Os dados desta tabela foram reponderados pelo peso definido pela Contagem da População de 2007.

Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Anexo 8 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de atividade na semana de referência, sexo, situação e anos de estudo																		
Unidade da Federação = Amazonas																		
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade (Mil pessoas)																		
Condição de atividade = Total																		
Situação do domicílio = Total																		
Grupos de anos de estudos	Homem									Mulher								
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Total	831	845	900	1.18	1.22	1.29	1.27	1.31	1.35	873	911	940	1.2	1.22	1.26	1.32	1.36	1.4
Sem instrução e menos de 1 ano	95	75	70	125	94	118	138	157	123	92	75	78	114	102	129	136	155	121
1 a 3 anos	121	127	122	197	185	165	187	191	204	124	119	115	165	156	130	159	141	170
4 a 7 anos	274	297	293	378	407	401	360	319	404	277	298	307	390	405	356	384	348	390
8 a 10 anos	140	141	168	171	202	215	231	236	203	158	161	164	195	195	217	205	239	226
11 a 14 anos	171	181	222	267	288	337	305	344	355	193	228	240	288	313	363	360	402	404
15 anos ou mais	20	17	21	34	39	44	43	49	53	19	21	27	44	38	53	67	65	75
Não determinados e sem declaração	9	7	6	4	5	8	-	-	-	11	9	8	6	8	10	-	-	-
Não determinados	-	-	-	-	-	-	10	12	7	-	-	-	-	-	-	7	13	14

Nota:

1 - Até 2003, exclusive a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

2 - A categoria Total inclui as pessoas Sem declaração de condição de atividade.

3 - Os dados desta tabela foram reponderados pelo peso definido pela Contagem da População de 2007.

Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Anexo 9 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de atividade na semana de referência, sexo, situação e anos de estudo																		
Unidade da Federação = Amazonas																		
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade (Mil pessoas)																		
Condição de atividade = Total																		
Situação do domicílio = Urbana																		
Grupos de anos de estudos	Homem									Mulher								
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Total	831	845	900	923	971	1039	1037	1082	1106	873	911	940	1	1007	1058	1121	1164	1186
Sem instrução e menos de 1 ano	95	75	70	71	54	73	82	99	84	92	75	78	76	74	97	98	110	93
1 a 3 anos	121	127	122	122	120	116	131	130	136	124	119	115	108	112	96	118	107	125
4 a 7 anos	274	297	293	292	304	307	290	259	327	277	298	307	325	312	272	318	283	322
8 a 10 anos	140	141	168	150	175	179	199	210	168	158	161	164	172	170	184	178	211	189
11 a 14 anos	171	181	222	252	275	314	288	324	337	193	228	240	274	299	348	341	381	378
15 anos ou mais	20	17	21	33	38	44	42	48	52	19	21	27	41	35	53	65	63	72
Não determinados e sem declaração	9	7	6	3	4	6	-	-	-	11	9	8	4	6	8	-	-	-
Não determinados	-	-	-	-	-	-	4	11	3	-	-	-	-	-	-	3	10	8

Nota:

1 - Até 2003, exclusive a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

2 - A categoria Total inclui as pessoas Sem declaração de condição de atividade.

3 - Os dados desta tabela foram reponderados pelo peso definido pela Contagem da População de 2007.

Anexo 10 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, economicamente ativas na semana de referência, e Valor do rendimento médio mensal por sexo																		
Unidade da Federação = Amazonas																		
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade, economicamente ativas na semana de referência (Mil pessoas)																		
Situação do domicílio = Total																		
Classes de rendimento mensal	Sexo x Ano																	
	Homem									Mulher								
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Total	538	560	618	837	889	898	855	893	931	361	401	444	574	616	570	600	605	690
Até 1/2 salário mínimo	12	17	18	4	7	25	23	47	43	17	18	26	19	27	47	39	69	70
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	64	100	102	167	191	195	144	165	189	75	101	98	136	153	144	114	130	165
Mais de 1 a 2 salários mínimos	172	168	205	261	308	318	298	298	316	109	106	120	149	165	163	198	185	198
Mais de 2 a 3 salários mínimos	85	86	87	104	117	117	116	124	113	33	40	36	47	56	53	56	54	54
Mais de 3 a 5 salários mínimos	69	53	68	105	87	58	76	84	78	32	27	27	39	38	25	28	41	40
Mais de 5 a 10 salários mínimos	43	42	35	48	39	44	42	49	46	21	21	16	20	16	23	25	19	21
Mais de 10 a 20 salários mínimos	18	12	9	15	15	16	12	12	14	6	5	6	9	4	6	8	4	5
Mais de 20 salários mínimos	9	6	9	6	5	5	6	6	4	2	1	3	2	0	-	2	1	3
Sem rendimento	65	76	86	127	119	120	127	96	120	66	80	112	155	157	108	127	96	129
Sem declaração	-	0	-	-	-	0	12	12	8	0	-	-	-	-	-	2	6	4

Nota:

- 1 - Até 2003, exclusive a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.
- 2 - A categoria Sem rendimento inclui as pessoas que receberam somente em benefícios.
- 3 - Para a variável Valor do rendimento médio mensal: exclusive as pessoas sem declaração do valor do rendimento.
- 4 - Os dados desta tabela foram reponderados pelo peso definido pela Contagem da População de 2007.

Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Anexo 11 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, economicamente ativas na semana de referência, e Valor do rendimento médio mensal, por sexo, situação e classes de rendimento mensal																		
Unidade da Federação = Amazonas																		
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade, economicamente ativas na semana de referência (Mil pessoas)																		
Situação do domicílio = Urbana																		
Classes de rendimento mensal	Sexo x Ano																	
	Homem									Mulher								
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Total	538	560	618	630	687	696	680	727	741	361	401	444	475	524	470	512	530	583
Até 1/2 salário mínimo	12	17	18	3	5	13	15	30	30	17	18	26	11	18	27	25	50	53
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	64	100	102	107	137	146	108	127	132	75	101	98	117	133	129	108	114	138
Mais de 1 a 2 salários mínimos	172	168	205	207	242	261	243	258	264	109	106	120	137	156	149	179	169	175
Mais de 2 a 3 salários mínimos	85	86	87	90	93	99	105	110	102	33	40	36	41	53	52	54	50	49
Mais de 3 a 5 salários mínimos	69	53	68	86	80	53	73	75	70	32	27	27	38	36	25	26	39	40
Mais de 5 a 10 salários mínimos	43	42	35	44	36	42	41	45	45	21	21	16	18	16	23	25	19	21
Mais de 10 a 20 salários mínimos	18	12	9	14	14	16	12	11	12	6	5	6	9	4	6	8	4	5
Mais de 20 salários mínimos	9	6	9	6	5	5	6	5	4	2	1	3	2	0	-	2	1	3
Sem rendimento	65	76	86	74	75	60	75	59	76	66	80	112	103	108	59	84	78	96
Sem declaração	-	0	-	-	-	0	2	8	6	0	-	-	-	-	-	1	6	4

Nota:

- 1 - Até 2003, exclusive a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.
- 2 - A categoria Sem rendimento inclui as pessoas que receberam somente em benefícios.
- 3 - Para a variável Valor do rendimento médio mensal: exclusive as pessoas sem declaração do valor do rendimento.
- 4 - Os dados desta tabela foram reponderados pelo peso definido pela Contagem da População de 2007.

Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios